

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

nov-dez de 2014



Exemplar avulso: R\$ 11,96



## A resposta do santuário para as injustiças do mundo

A cruz e o santuário, p. 10

O evangelho em dois tempos, p. 24



# A doutrina do santuário

**A** última vez em que esta revista tratou, numa edição especial, da doutrina do santuário foi em 1980, ou seja, 34 anos atrás. Aqueles tempos foram turbulentos quanto a esse tema, conforme alguns dos nossos leitores podem se lembrar. Que aconteceu a partir de então? Finalmente, dissipamos todas as dúvidas e estamos em paz? Ou escolhemos esquecer o assunto? Qual a razão motivadora para nova abordagem exclusiva do tema?

Alguns afirmam com insistência que deveríamos esquecer temas periféricos e focalizar especificamente Jesus. Concordo. Jesus é o Autor e Consumador de nossa fé. Ele incorpora tudo o que conhecemos como verdade. Evidentemente, devemos focalizar a encarnação de Cristo, Seu ministério terrestre, Sua morte e Sua gloriosa ressurreição. Porém, como dedicados seguidores de Jesus, acaso não devemos também chamar a atenção para o atual ministério de Cristo no Céu? O que Ele está fazendo agora? Por que Seu ministério como Sumo Sacerdote, no tempo presente, é tão vitalmente importante no plano da salvação?

Para mim pessoalmente, o tema do santuário tem sido muitíssimo importante. Tenho amigos, ex-colegas de ministério, que se distanciaram da Igreja Adventista do Sétimo Dia, porque passaram a acreditar que seus ensinamentos a respeito do santuário são falhos. Outros, embora continuem servindo como pastores adventistas do sétimo dia, têm perdido a confiança na doutrina do santuário, ou simplesmente ignorado o assunto. Se o ministério de Jesus Cristo no santuário celestial realmente importa, temos a responsabilidade de responder à pergunta: “Por quê?”

Necessitamos abordar tanto a cruz como o santuário, o sacrifício expiatório de Cristo e Seu ministério como nosso grande Sumo Sacerdote. Essas duas fases do mi-

nistério de Jesus compõem o evangelho. No julgamento divino, a grande e decisiva questão não se concentra primariamente no que temos feito ou deixado de fazer, mas se temos aceitado ou rejeitado o que Cristo tem feito por nós. Se aceitamos Sua obra salvadora realizada em nosso favor na cruz, podemos enfrentar sem temor o juízo. Disse Jesus: “Eu lhes asseguro: Quem ouve a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida” (Jo 5:24).

Parte vital do ministério de Jesus no santuário celestial é o juízo pré-advento. Em um mundo onde pessoas estão clamando por justiça, o juízo de Deus, levado a efeito no santuário celestial, fará “justiça aos santos” (Dn 7:22) e sentenciará os impenitentes perpetradores do mal e da injustiça neste planeta e no cosmos. Do Seu templo, Deus nos assegura justiça, santidade e restauração.

Infelizmente, nem todos os eruditos adventistas do sétimo dia concordam em todos os pontos de interpretação do santuário e do ministério de Cristo como nosso grande Sumo Sacerdote. Tendo em mente que as Escrituras são o inamovível fundamento de nossa fé e nossas crenças, devemos estar unidos, em oração, amor e humildade, em busca de sabedoria para entendermos o que o Senhor nos tem revelado.

Nos primeiros anos do movimento adventista, Ellen G. White deu este inspirado conselho, a respeito desse tema especial: “O assunto do santuário e do juízo de investigação deve ser claramente compreendido pelo povo de Deus. Todos necessitam para si mesmos de conhecimento sobre a posição e obra de seu grande Sumo Sacerdote. [...] É da máxima importância que todos investiguem acuradamente estes assuntos, e possam dar resposta a qualquer que lhes peça a razão da esperança que neles há” (*O Grande Conflito*, p. 488, 489). ▀

*“Devemos estar unidos, em oração, em busca de sabedoria para entendermos o que o Senhor tem revelado”*

#### Editor:

Zinaldo A. Santos

#### Editor Associado:

Márcio Nastrini

#### Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

#### Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

#### Design Gráfico:

Marcos Santos

#### Ilustração de Capa:

Thiago Lobo

#### Fotos dos Autores:

William de Moraes (Editor),

Ministry e cortesia.

#### Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Jerry Page; Derek Morris.

#### Colaboradores:

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer Júnior; Enzo Chaves; Eufracio Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza.

#### Diretor Geral:

José Carlos de Lima

#### Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

#### Redator-Chefe:

Marcos De Benedicto

#### Redator-Chefe Associado:

Vanderlei Dorneles

#### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaeministerio](http://www.dsa.org.br/revistaeministerio)

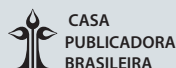
Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 58,10

Exemplar Avulso: R\$ 11,96



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total  
ou parcial, por qualquer  
meio, sem prévia autorização escrita do  
autor e da Editora.



# Além da superfície

**S**empre que um membro de sua igreja o abordava com perguntas sobre temas complexos, certo pastor tinha a resposta pronta: “Irmão, eu só sei que somos salvos pela fé em Cristo”. Com isso, tentava evitar assuntos que exigiam maior profundidade na pesquisa e reflexão, bem como procurava conscientizar o interlocutor de que talvez não fosse produtivo gastar tempo com assuntos por ele considerados apenas acessórios. No que se refere ao fato de que devemos viver na segurança da salvação graciosamente a nós ofertada por Deus, em Cristo, o pastor estava certo. Afinal, a mensagem da justificação pela fé é o eixo em torno do qual giram todas as demais doutrinas. Somente ela, quando devidamente compreendida, liberta o ser humano da culpa, do remorso e o leva a adorar, sem medo, o Criador. Somente a mensagem de justificação pela fé é que, dando ao pecador arrependido e perdoado a certeza da aceitação divina, torna a obediência um prazer.

Conforme entendido pela igreja adventista do sétimo dia, a justificação pela fé tem abrangência cósmica, envolvendo a vitória de Jesus Cristo sobre a cruz e a sepultura, bem como Sua entrada “além do véu”, no santuário celestial. Ali, Ele realiza Seu ministério sumo-sacerdotal no grande Dia de Expição. Esse é um tema que todo pastor adventista precisa conhecer plenamente, de modo que esteja pronto a explicar a qualquer pessoa, a tempo e fora de tempo, a razão da sua esperança (1Pe 3:15).

A justificação pela fé deve ser compreendida no contexto de “verdade presente”, nos termos da mensagem angélica do Apocalipse: “Então vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na Terra, a toda nação, tribo, língua e povo. Ele disse em alta voz: “Temam a Deus e glorifiquem-no, pois chegou a hora do Seu juízo. Adorem Aquele que fez os céus, a Terra, o mar e as fontes das águas” (Ap 14: 6, 7). Se o ponto culminante da mensagem de justificação pela fé não for a proclamação das verdades contidas nesse chamado solene, a pregação estará incompleta.

Nenhum pastor deve se contentar em permanecer apenas na superfície, mas tem o dever de buscar profundamente os mais valiosos tesouros dessa verdade. Então, com mais frequência, deve levá-la de volta ao púlpito, proclamando-a no poder do Espírito Santo. Afinal, o que todos nós desejamos é ver uma igreja que seja produto do “evangelho eterno”, que reflita a imagem de Cristo Jesus. Uma igreja que esmague as pretensões da Besta e sua imagem, exaltando o único Deus, criador de todas as coisas; uma igreja cuja transformação comova os anjos e os mundos não caídos. Uma igreja plena de certeza e segurança no juízo divino, a respeito da qual o Senhor diga: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus” (Ap 14:12).

Com o propósito de ajudar você nessa tarefa, esta edição de *Ministério* está em suas mãos. ▮

Zinaldo A. Santos



### 10 A CRUZ E O SANTUÁRIO

Por que necessitamos do ministério sumo sacerdotal de Cristo no Céu?

### 14 O TEMPLO NOS SALMOS

O que os salmistas dizem sobre o santuário no Céu.

### 18 CLAMOR POR JUSTIÇA

A resposta do santuário celestial para as injustiças do mundo.

### 21 "ABRIRAM-SE OS LIVROS"

Juízo pré-advento: uma mensagem que transmite certeza aos filhos de Deus.

### 24 O EVANGELHO EM DOIS TEMPOS

Como harmonizar o que Cristo realizou na cruz e Seu ministério intercessor.

### 27 A INAUGURAÇÃO DO SANTUÁRIO

Um estudo a respeito dos símbolos apresentados em Êxodo 30 e Apocalipse 4.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

30 RECURSOS

32 MURAL

35 DE CORAÇÃO  
A CORAÇÃO

*“Os objetivos de  
nosso ministério são  
eternos e espirituais.  
O mundo estabelece  
a agenda para o  
homem profissional.  
Deus estabelece a  
agenda para o homem  
espiritual.”*

John Pieper

# O centro da obra salvadora de Cristo



Foto: Cortesia do entrevistado

*“A mensagem do santuário é atual e necessária. Ela responde aos anseios humanos de segurança, paz e certeza de um futuro brilhante com o Deus de nossa salvação”*

por **Marcio Nastrini**

O pastor João Antônio Rodrigues Alves nasceu em lar adventista na cidade de Conselheiro Pena, Minas Gerais. Formou-se em Teologia no Instituto Adventista de Ensino (hoje Unasp), em 1982, instituição na qual também concluiu o mestrado dez anos depois. Em 2005, obteve o doutorado em Teologia, na Universidade Adventista del Plata, Argentina, especializando-se, em 2008, em Metodologia do Ensino Superior, pela Faculdade Adventista da Bahia. Trabalhou como pastor de igrejas e capelão nos estados de Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Também foi professor de Teologia na Faculdade Adventista da Bahia, função

que atualmente exerce na Faculdade Adventista da Amazônia, estado do Pará, onde também é coordenador acadêmico para o curso teológico.

Casado com a psicóloga Daisy Kiekow de Britto Rodrigues Alves, o casal tem dois filhos: Emerson e Karina. Nesta entrevista, ele compartilha seus conceitos sobre o santuário celestial.

**Ministério:** *Fale-nos sobre sua tese doutoral.*

**João Antônio:** O tema da minha tese, o juízo pré-advento, foi abordado em uma perspectiva histórico-teológica, a partir do pensamento de três autores que exerceram forte

influência no desenvolvimento ou sedimentação de conceitos sobre a teologia adventista do sétimo dia: Urias Smith, Edward Heppenstal e William Shea. Esses três autores cobrem um período aproximado de 150 anos de desenvolvimento teológico do adventismo. O propósito foi identificar se havia continuidade ou ruptura concernente ao tema do juízo investigativo, algum refinamento teológico que ampliasse a compreensão desse tema, tornando-o relevante no contexto atual, ou alguma proposta de radical abandono do assunto, relegando-o à condição de um “acidente teológico” no desenvolvimento doutrinário adventista.

**Ministério:** *O grande desapontamento milerita ocorreu há 170 anos. Em que sentido ele provocou o estudo do tema do santuário celestial e do ministério sacerdotal de Cristo?*

**João Antônio:** O fracasso das expectativas relacionadas à data de 22 de outubro de 1844, como o dia da segunda vinda de Cristo e a realização do juízo, precipitou os mileritas em uma crise e, ao mesmo tempo, produziu um movimento de regresso às Escrituras, em busca de uma explicação para o que aconteceu. Nesse processo, um grupo se dedicou a estudar os três principais elementos de Daniel 8:14, a saber, (1) a que santuário se refere essa passagem, (2) o período dos 2.300 dias, e (3) o significado da purificação do santuário. A cronologia básica, com seu término em 22 de outubro de 1844 foi mantida. Mas o estudo do Novo Testamento, particularmente do livro aos Hebreus, levou a uma reinterpretação acerca do santuário a ser purificado, ou seja, o santuário celestial. Relacionaram isso com a fase judicial do juízo. A partir desses reestudos, foi-se desenvolvendo uma compreensão mais ampla da doutrina do santuário e seu significado salvífico para o cristão.

**Ministério:** *Qual é a relevância dessa doutrina hoje?*

**João Antônio:** Se pretendemos verificar a relevância de uma doutrina, devemos iniciar por uma análise do material bíblico dedicado ao tema. No Antigo Testamento, 45 capítulos são dedicados ao santuário e seus rituais, no Pentateuco, e outros 45 capítulos nos livros proféticos. No “Hinário do Templo”, os salmos, encontramos referências explícitas ao santuário, numa média de uma referência por verso, ou seja, 150 versos. Já no Novo Testamento, encontramos livros estruturados ao redor do santuário, como o evangelho de João, com suas festas vinculadas ao santuário, o Apocalipse, com suas sete seções proféticas, cada uma ini-

ciada com uma visão do santuário, e o livro aos Hebreus, com sua ênfase no ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial. Pode-se afirmar com segurança que o assunto do santuário recebe mais atenção na Bíblia do que qualquer outro. Ellen G. White afirma que “o santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens” (*O Grande Conflito*, p. 488). Por que a doutrina do santuário é tão importante? Porque o santuário não se relaciona apenas com medidas, cálculos, utensílios, por mais importantes que pareçam, senão que todos os seus símbolos apontam para o plano de Deus em salvar o homem de seus pecados mediante o sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Finalmente, o santuário fala da obra contemporânea que Jesus realiza em favor de Seu povo aqui na Terra.

*“A mensagem do santuário responde aos anseios humanos de segurança, paz e certeza de um futuro brilhante com o Deus de nossa salvação”*

**Ministério:** *Para alguns cristãos, não existe santuário literal no Céu, mas o próprio Céu é um santuário. Como responder a essa controvérsia?*

**João Antônio:** Para entendermos o alcance dessa pergunta, devemos estar conscientes das pressuposições filosóficas que orientam nossa resposta e que afetam completamente a compreensão do tema. E devemos nos lembrar de que a estrutura mental do Ocidente opera segundo o pensamento grego. Por exemplo, qual é a natureza da realidade referida na Bíblia? Literal? Metafórica? Qual é a natureza de Deus? Veja, por exemplo, a influência de Agostinho, que desenvolveu seu sistema teológico com base na filosofia platônica, e

Tomás de Aquino, que fez o mesmo com base na filosofia aristotélica, estabelecendo conceitos que afetam ainda hoje a compreensão da Bíblia. Se considerarmos o Deus da Bíblia como o deus da filosofia, um deus atemporal, negaremos a existência de um santuário celestial real. Naturalmente, algumas perguntas surgem: Devemos conceber o santuário celestial em termos filosóficos? Eram os autores bíblicos filósofos, ou porta-vozes da verdade revelada por Deus? Quando se referiam ao santuário celestial estavam filosofando ou comunicando a revelação divina? A análise bíblica impõe uma interpretação diferente, entendendo que o Céu é um lugar real, com um santuário real. Elias Brasil de Souza argumenta, em sua tese doutoral, que a Bíblia Hebraica aponta para uma correspondência funcional e estrutural entre o santuário terrestre e o celestial. Para o escritor do livro aos Hebreus o santuário celestial é real, porque Cristo entrou nele, depois de Sua ascensão (Hb 4:14-16; 6:19, 20), onde realiza uma obra sacerdotal (7:27). Nesse mesmo livro, Cristo é um Ser histórico que Se tornou um de nós através da encarnação (2:14), sofreu a pressão das tentações (5:7, 8), morreu sobre a cruz (12:2), ascendeu ao Céu (4:14) e entrou no santuário celestial (12:11, 12). A realidade de qualquer dessas experiências é inquestionável para o autor do livro aos Hebreus. Essa ênfase sobre o santuário terrestre, como cópia do celestial, junto a uma discussão dos dois compartimentos do santuário terrestre (Hb 9:1-7), sugere que o autor entendeu que o santuário celestial é uma estrutura real, com dois compartimentos, uma entidade independente, localizada no Céu (cf Ap 11:19).

**Ministério:** *Que evidências bíblicas temos para um juízo investigativo pré-advento, como parte integrante da doutrina do santuário?*

**João Antônio:** Desde a entrada do pecado no mundo, encontramos exemplos de juízo investigativo. Em Gênesis 3, há um procedimento judicial em forma de investigação, ressaltado pelas perguntas dos versos 9-13: “Onde estás?” “Quem te mostrou que estavas nu?” “Comeste da árvore que te ordenei não comer?” “Que é isso que fizeste?” Depois dessa investigação, anuncia-se o veredito (v. 14-19). Semelhantemente, em Gênesis 4, Deus conduziu um juízo investigativo envolvendo Caim: “Onde está teu irmão Abel?” “Que fizeste?” (v. 9, 10). A sentença segue-se à investigação (v. 11, 12). De igual forma, em Gênesis 18, 19, em Seu trato com Sodoma e Gomorra, Deus conduziu uma investigação, o que se expressa com os verbos “descer” e “ver” (18:20, 21). Depois disso, o veredito é anunciado. William Shea relacionou 28 passagens do Antigo Testamento em que o juízo está vinculado com o santuário, e a maior parte delas está relacionada com o povo escolhido de Deus. O tema do juízo também é encontrado em outras partes das Escrituras, como Daniel 7, reconhecido por distintos intérpretes como descrevendo uma cena judicial. Especialmente relevante é o juízo descrito em Ezequiel 1-10, paralelo ao juízo ora em andamento no Céu. Ali Deus é descrito como assentando-Se em Seu santuário para realizar uma obra especial de juízo sobre Seu povo. Há ainda muitos outros textos que podem ser mencionados.

**Ministério:** *Daniel 7 descreve uma cena de juízo e fala da abertura de “livros”. Especificamente, que livros são esses?*

**João Antônio:** Tanto o Antigo como o Novo Testamento mencionam livros de registros que podem ser interpretados como aqueles referidos em Daniel 7:10. No Antigo Testamento, os livros de Deus são mencionados seis vezes (Ez 32:32; Sl 56:8; 69:28;

139:16; Ml 3:16). As ideias básicas que ressaltam nesses textos são as que Deus tem um conhecimento íntimo de Seus seguidores e da experiência espiritual dos justos, guardando um registro em seu favor (Ml 3:16). No Novo Testamento, encontra-se uma referência em que Paulo declara que os nomes de seus colaboradores estão no livro da vida (Fp 4:3), e o livro da vida é mencionado quatro vezes no livro de Apocalipse (3:5; 17:8; 20:12; 21:27), sendo em duas ocasiões identificado como o “livro da vida do Cordeiro” (17:8; 21:27). Nesses livros estão os nomes das pessoas que, de alguma forma, pertencem ao povo de Deus. Não sabemos com exatidão a forma desses registros, mas eles existem e são abertos para exame. Entretanto, é importante ressaltar que não estão ali para informar Deus sobre alguma coisa que Ele desconheça, visto ser onisciente, mas para benefício dos seres inteligentes do Universo, que confirmam a justiça das decisões divinas.

**Ministério:** *Para a maioria dos cristãos, a obra expiatória de Cristo foi consumada na cruz. Mas, acreditamos que ela continua no santuário celestial. Como entender isso?*

**João Antônio:** Se nos referimos à obra da cruz como consumada, no sentido de que Cristo pagou completamente o preço da nossa redenção, estamos certos. Em Romanos 5:8-11, Paulo enfatiza que a reconciliação é realizada mediante a “morte de Cristo” (cf 2Co 5:18). O tempo do verbo – “fomos reconciliados com Deus” – indica que, da parte de Deus, a reconciliação foi um ato consumado, uma vez por todas, quando Jesus Se entregou por nós na cruz. Entretanto, de acordo com o que acontecia no cerimonial do santuário terrestre, o pecado não era erradicado no instante do sacrifício, mas quando o sangue da oferta era manipulado de maneira específica pelo sacerdote. Essa mediação, também denominada “expição”, realizada pelo sacerdo-

te era parte integrante do processo. A partir dessa perspectiva é que entendemos que a expiação foi realizada na cruz e, ao mesmo tempo, continua no presente, na mediação conduzida por Cristo, nosso Sumo Sacerdote, no santuário celestial. Assim, a obra presente de Jesus está em continuidade com Sua obra passada. O presente não existiria sem passado, e o passado não estaria completo sem o presente. Portanto, há uma relação complementar entre o ato na cruz e o ministério que Ele realiza no santuário celestial.

*“O santuário não se relaciona apenas com medidas, cálculos, utensílios, mas todos os seus símbolos apontam para o plano da salvação”*

**Ministério:** *Que relação existe entre as três mensagens angélicas de Apocalipse 14 e o santuário?*

**João Antônio:** Esse foi o tema da tese de doutorado de Alberto R. Timm. Em seu estudo, Timm demonstrou que a vinculação entre o santuário e as três mensagens angélicas proveu um marco para a integração e o desenvolvimento de um sistema doutrinário coeso que nos tornou o que somos teologicamente. Naturalmente, Apocalipse 14 também aponta para uma dimensão missiológica que corresponde a nós como um povo. Afinal, ali o evangelho eterno deve ser proclamado no contexto do juízo, e esse juízo se realiza no santuário. Portanto, a verdade sobre o santuário, juntamente com o juízo, é uma doutrina especial que devemos anunciar. Creio que essa é uma mensagem atual, necessária, e responde aos anseios humanos de segurança, paz e certeza de um futuro brilhante com o Deus de nossa salvação. ▀



# Apanhadas na rede

*Tentações virtuais, consequências reais*



**C**íntia estava entediada com seu casamento. Com o nascimento dos filhos e o envolvimento crescente do esposo com o trabalho, a intimidade do casal acabou prejudicada. Eles não mais conversavam como nos tempos de namoro e de recém-casados. Os compromissos e as responsabilidades pareciam disputar o tempo antes dedicado ao diálogo “olho no olho”, ao carinho, ao romance. Parecia até que estava casada com outro homem e que ela havia se tornado outra mulher. Mas nem sobre isso havia tempo para que Cíntia pensasse direito. Simplesmente foram deixando que a “vida os levasse”, consolando-se em silêncio, pensando que todo casamento fosse assim mesmo.

Certo dia, numa das raras vezes em que se dava ao luxo de gastar momentos desligada do dia a dia, ela se conectou ao Facebook e, para sua surpresa, um ex-namorado dos tempos de faculdade havia lhe enviado um recado. A princípio, foi apenas um: “Oi, como vai a vida?” Mas, com o tempo, a conversa foi “evoluindo” e confidências passaram a ser trocadas. Por que afinal ela havia terminado aquele namoro? O rapaz da juventude era então um empresário bem-sucedido, divorciado e “bom de papo”. Aparentemente a vida lhe havia ensinado a ser comunicativo e sedutor. Ele parecia entender os pensamentos dela.

Sentimentos adormecidos despertaram de modo inesperado no coração de Cíntia. E, para encurtar a história com final previsível e triste, aquilo que antes eram conversas virtuais acabou se transformando em conversas reais encobertas e, por fim, envolvimento físico. Cíntia trocou um casamento de dez anos por uma aventura amorosa. Mas o pior veio depois da separação: ela descobriu que o antigo namorado tinha defeitos semelhantes aos do ex-marido, e outros até piores. Mas aí já era tarde demais para perceber que todo homem (e toda mulher) tem seus defeitos (geralmente percebidos apenas ao vivo e com tempo de convivência), e que praticamente todos os relacionamentos desgastados podem ser salvos, se houver amor, interesse, disposição e compromisso por parte dos cônjuges.

Infelizmente, a história de Cíntia (com algumas variantes) tem se tornado mais comum do que se pensa. Inúmeros casamentos têm sido destruídos por causa da ilusão criada pelas redes sociais e por namoros e traições virtuais. Em lugar de investir no relacionamento real, há pessoas vivendo de sonhos, crendo que atrás de um computador ou segurando um *tablet* pode estar o homem ou a mulher de sua vida, aquele/aquela que vai satisfazer todos os seus desejos.



## Tentações diferentes

As diferenças entre homens e mulheres ajudam a entender a maneira como ambos os sexos são tentados pelo mundo virtual. No livro *Seu Casamento e a Internet*, Thomas Whiteman e Randy Peterson citam algumas dessas diferenças:

1. *Homens compartimentalizam. Mulheres misturam.* O cérebro dos homens é um escritório com cubículos. O da mulher é uma sala de estar. Eles estão mais propensos a ter (e esconder) seus “casos”. Pensam que podem conduzir um casamento normal com um compartimento do cérebro, enquanto mantêm “outra via” em outro compartimento.

2. *Mulheres tendem a ser mais verbais do que os homens.* Em geral, as mulheres têm uma conexão maior entre os sentimentos e a linguagem.

3. *Mulheres são mais relacionais do que os homens.* As mulheres tendem a ser melhores do que os homens no desenvolvimento de laços emocionais com outras pessoas.

4. *Homens gostam de controle e independência.* Combinação de instintos competitivos com a falta de habilidade relacional.

Levando em conta essas diferenças, podemos concluir que as mulheres são mais estimuladas por livros de romance do que por material de sexo explícito, daí o sucesso de obras como *Cinquenta Tons de Cinza*, considerado “pornografia para donas de casa”. Então, quando leem histórias românticas, ou se envolvem em diálogos românticos virtuais, elas podem experimentar um tipo de euforia causado pela liberação da dopamina no cérebro, o mesmo neurotransmissor que lhes dava prazer quando pegavam na mão do namorado ou beijavam o marido, por exemplo.

Whiteman e Peterson dizem o seguinte: “As salas de bate-papo atraem as mulheres com a promessa de relacionamentos humanos, mas a dinâmica que ali ocorre parece alterar o seu campo de ação, pois proporciona aos homens uma capacidade maior de se expressar de maneiras que lhes parecem confortáveis. E é por isso que algumas mulheres são arrebatadas dos seus relacionamentos reais e se entregam aos seus contatos com homens na internet. Não é simplesmente ‘a sedução do outro’. Elas podem, na verdade, encontrar um nível mais profundo de comunicação ao computador. Por quê? Porque as salas de bate-papo oferecem aos homens uma zona de conforto que os relacionamentos frente a frente não oferecem” (*Seu Casamento e a Internet*, p. 60, 61).

Justamente por isso, o ex-namorado de Cíntia lhe pareceu tão comunicativo e sensível, quando mantinham o romance virtual.

Você conhece o adágio popular: “As mulheres usam o sexo para conseguir amor; os homens usam o amor para conseguir sexo”. Assim “não seria surpresa se o mesmo padrão ocorresse nas salas de bate-papo – os homens dão às conversas um tom cada vez mais sexual; e as mulheres, desesperadas por intimidade, seguem junto. [...] Algumas

mulheres que nunca buscaram, de início, os bate-papos sexuais, acabam se vendo envolvidas nisso” (*Ibid.*, p. 65).

## Lutas diferentes

No livro *A Batalha de Toda Mulher*, Shannon Ethridge diz que “homens e mulheres lutam de formas diferentes quando se trata de integridade sexual. Enquanto a batalha do homem começa com o que ele absorve com os olhos, a da mulher tem início no coração e nos pensamentos. O homem deve proteger seus olhos a fim de manter a integridade sexual, e, pelo fato de Deus ter feito as mulheres mais estimuladas emocional e mentalmente, devemos proteger de perto nosso coração e mente tanto quanto nosso corpo, se desejarmos experimentar o plano de Deus para a satisfação sexual e emocional. A batalha da mulher é pela integridade sexual e emocional”.

Assim, podemos até parafrasear Mateus 5:28 da seguinte forma: “Digo a vocês que qualquer mulher que imaginar com desejo um homem, em seu coração já cometeu adultério com ele.”

O segredo é nunca dar o primeiro passo no caminho errado. É como escreveu Thomas Watson: “Um homem [mulher] piedoso[a] não irá onde ele[a] pode, para que não vá mais adiante do que deve.” Mas como saber se estamos indo longe demais?

*Você está escapando sorrateiramente para navegar?* “Se você se pega digitando ou vendo coisas que não devem ser mostradas para seu cônjuge, estamos diante de um sinal de perigo” (*Seu Casamento na Internet*, p. 137). Lembre-se de que, como escreveu Ellen G. White, “há um círculo sagrado em torno de cada família, que deve ser preservado. Nenhuma outra pessoa tem o direito de entrar nesse círculo. Marido e esposa devem ser tudo um para o outro. A esposa não deve ter segredos que guarde do marido e permita que outros conheçam, e o marido também não deve ter segredos que não conte à sua esposa e revele a outros. O coração da esposa deve ser a sepultura das falhas do marido, e o coração do marido a sepultura das falhas da esposa. [...] Tem sido mostrado para mim que deve haver uma sagrada proteção em torno de toda família” (*Manuscrito 1*, 1855).

*O uso da internet está desviando sua atenção? Esse hábito está consumindo suas energias?* “Nos votos tradicionais de matrimônio, o noivo e a noiva prometem honrar um ao outro. Isso significa dar atenção ao seu parceiro, ouvir e corresponder. Se o seu envolvimento com a internet está impedindo que você faça isso, é preciso implementar mudanças de grande escala. [...] Casamento dá trabalho. Além do esforço básico para manter uma casa, o casal precisa servir um ao outro. Isso requer energia, seja para arrumar a cama, seja para os encontros amorosos dos dois. Quando a energia de um parceiro é exaurida, por qualquer motivo, o relacionamento sofre” (*Seu Casamento e a Internet*, p. 93, 95).

Que Deus nos ajude a recordar sempre que, embora as tentações na internet sejam virtuais, suas consequências são bem reais. ▀



Professor de Teologia  
no Centro Universitário  
Adventista de São Paulo,  
Engenheiro Coelho, SP

# A cruz e o santuário

*Por que precisamos das duas coisas?*

**E**m seu livro *Right With God Right Now*, Desmond Ford argumenta que a expiação foi completada na cruz e que não há necessidade de ações subsequentes no santuário celestial, pois a salvação é plena-

mente experimentada pelo crente. Usando como base Romanos 3:21-26, ele enfatiza que Deus não poderia ter perdoado o pecado enquanto sua penalidade não estivesse paga, de modo que a cruz foi necessária para habilitá-Lo a perdoar. Não é que Deus seja controlado por leis fora dEle mesmo, Ford argumenta. Absolutamente não! Deus é controlado pelo que Ele é, significando que Sua lei é nada mais que a expressão exterior do Seu próprio caráter. Portanto, a cruz foi necessária, Ford conclui, e sobre ela, Aquele contra quem o ser humano pecou pagou a penalidade, a fim de que o pecador pudesse ser perdoado e salvo.<sup>1</sup>

Ilustrações: Thiago Lobo e JoCard



A despeito das muitas dificuldades que Romanos 3:21-26 envolve, a interpretação de Ford dessa passagem não apresenta grandes problemas. Porém, acaso seria possível concluir, a partir dela, que a cruz foi o lugar em que a expiação se completou e que a cruz é tudo o que Deus necessita para a nossa salvação? É o ministério de Jesus no santuário celestial, conforme defendido pela teologia adventista do sétimo dia, uma contradição ao que Ele realizou no Calvário, ou algo que rouba do crente a segurança da salvação aqui e agora?<sup>2</sup>

### Considerações preliminares

Por causa da maneira pela qual Romanos 3:21-26 resume o conceito de Paulo sobre a justificação pela fé, esses versos têm sido descritos como “o centro e o coração” da epístola aos Romanos.<sup>3</sup> A passagem aparece depois de uma longa seção na qual o apóstolo deixa absolutamente claro que toda a humanidade, tanto judeus como gentios, foi afetada pelo pecado e, por isso, é culpada diante de Deus (Rm 1:18-3:20). Porém, há boas notícias: A justiça salvadora de Deus foi extraordinariamente revelada na morte expiatória de Jesus Cristo, como a única resposta possível para o drama humano causado pelo pecado (v. 21-26). Porém, tal resposta é efetiva unicamente para aqueles que creem (v. 22). A fé não é a condição para a justificação, mas é o instrumento por meio do qual o pecador recebe a

justificação.<sup>4</sup> Toda jactância, portanto, é excluída (v. 27). A fé estabelece a incapacidade – não a nulidade – da lei (v. 31); conseqüentemente, da autoconfiança humana em qualquer tipo de realização moral (v. 28, 29).

“No ritual do santuário, o perdão era conseguido por meio dos sacrifícios. Mas, os pecados necessitavam ser apagados, e isso acontecia no dia da expiação”

Ao falar a respeito da morte de Jesus – “Seu sangue” (v. 25) sendo uma clara referência a ela – Paulo utilizou duas metáforas para explicar sobre qual base Deus justifica o pecador. A objeção implícita parece óbvia: Como pode um Deus justo justificar o ser humano injusto sem comprometer Sua justiça? A resposta vem, primeiramente, sob a metáfora de redenção (*apolytrósis*; v. 24), que era aplicada a escravos comprados no mercado para que fossem postos em liberdade. Quando isso acontecia, dizia-se que eles haviam sido redimidos (Lv 25:47-55). A mesma metáfora também é usada no Antigo Testamento, com relação ao povo de Israel que havia sido redimido tanto do cativeiro egípcio quanto do cativeiro babilônico (Dt 7:8; Is 43:1). Semelhantemente, aqueles que estiveram escravizados pelo pecado e completamente incapazes de se libertar a si mesmos foram redimidos por Deus, ou comprados do cativeiro, por meio do sangue de Jesus, que foi derramado como preço pelo resgate (Mc 10:45; 1Pe 1:18, 19; Ap 5:9).

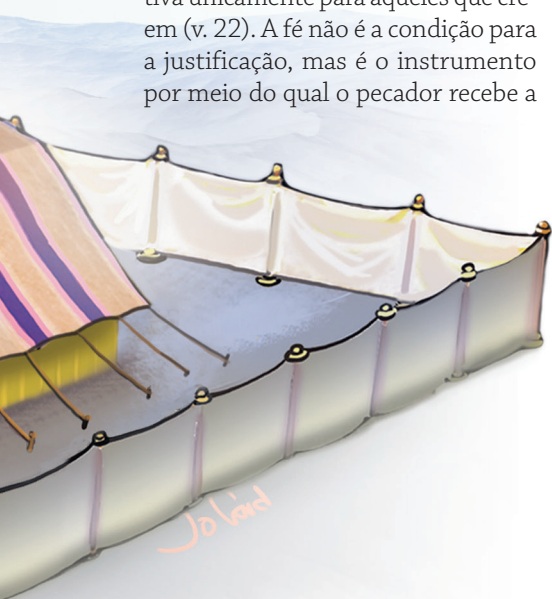
A segunda metáfora é propiciação ou expiação (*hilastérion*; Rm 3:25), tomada do contexto litúrgico – mais precisamente, sacrifício. Propiciação ou expiação aponta para o sacrifício substitutivo da morte de Jesus no

sentido de que Ele voluntariamente experimentou na cruz toda a intensidade da ira de Deus contra o pecado (Rm 1:18; 5:9; 1Ts 1:10).<sup>5</sup> Assim, Ele fez a reconciliação entre o pecador e Deus. A morte é o salário do pecado (Rm 6:23; cf Ez 18:20). Assim como, segundo o Antigo Testamento, o animal sacrificado tomava o lugar do pecador e morria em seu lugar (Lv 17:10; cf Gn 22:13), também a morte de Jesus foi o perfeito sacrifício antitípico que liberta da maldição da lei aqueles que creem (Gl 3:10, 11, 13; cf 2Co 5:14, 15; Hb 2:9) e os reconcilia com Deus. Havia diversos sacrifícios na vida religiosa de Israel, e todos eles tiveram seu cumprimento no sacrifício de Jesus, feito uma vez por todas (He 9:12,26-28; 10:12), “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29; cf Is 53:5, 6).

### Justiça de Deus

Talvez, a questão mais controversa em nossa passagem seja entender se a justiça de Deus, ou “Sua justiça” (v. 25, 26) tem o mesmo significado nos versos 21 e 22. A interpretação tradicional, que aparentemente se encaixa melhor no contexto, é que, naqueles versos, *dikaïosyné autou* se refere a um atributo de Deus, significando que Deus é justo, enquanto nos versos 25 e 26 ela deve ser entendida como um dom de Deus, a justiça que Ele atribui àqueles que creem.<sup>6</sup> Sendo assim, os versos 25 e 26 diferem dos versos 21 e 22 no sentido de que Paulo não está falando sobre o que Deus fez para justificar o pecador, mas a respeito do que Ele fez para justificar, ou vindicar, a Si mesmo.

Em outras palavras, o que Paulo faz aqui é apresentar um argumento racional para a necessidade da morte de Jesus. É por isso que ele usa o termo forense *endeixis* (“prova”, “demonstração”) duas vezes nesse contexto (v. 25, 26), ao passo que no verso 21 ele usa a forma passiva do verbo *phaneroó* (“revelar”, “tornar conhecido”). Esses dois termos não são equivalentes. Enquanto *phaneroó*



ênfatiza o que é revelado, isto é, o próprio sujeito do verbo, logo a voz passiva – exatamente como no caso de *apokalyptó* em 1:17 – *endeixis* sempre aponta a alguma coisa diferente (cf 2Co 8:24), tentando estabelecer sua validade ou compelindo sua aceitação como verdade.<sup>7</sup>

Portanto, a ideia é que Deus enviou Jesus Cristo como *hilastérion* [propiciação] “no presente” (v. 26, o tempo da morte histórica de Jesus, com a finalidade de provar Sua justiça porque, em Sua “tolerância” (*anoché*), Ele “passou por alto” (*pareisis*) os pecados anteriormente cometidos (v. 25).<sup>8</sup> De acordo com Paulo, ao fazer isso, Deus criou um problema legal para Si mesmo, pois um Deus justo não pode simplesmente “inocentar o culpado” (Êx 34:7; cf Dt 25:1). Se Ele assim o faz, pode ser acusado de ser conivente com o mal, o que é a negação de Sua própria natureza.<sup>9</sup> Mas, como foi exatamente que Deus passou por alto os pecados anteriores?

De acordo com a interpretação tradicional, que remonta a Anselmo de Canterbury no século onze, Deus não passou por alto os pecados, ao não puni-los.<sup>10</sup> Mas, aparentemente há um problema aqui, pois como pode a cruz provar a justiça de Deus em relação aos pecados anteriormente cometidos e não punidos? A menos que Paulo esteja se referindo àquelas pessoas que foram justificadas por Deus, o argumento não faz sentido. Porém, temos apenas que nos lembrar do seguinte: (1) Os pecados não são punidos hoje, mais do que o eram antes; (2) todos os pecadores dos tempos do Antigo Testamento, mais cedo ou mais tarde, deixaram de existir; o que de certa forma poderia significar que eles na verdade foram punidos. (3) Nos tempos do Antigo Testamento, Deus nem sempre deixou impunes os pecados, como o próprio Paulo afirmou (Rm 1:24-32; cf 5:12-14; 6:3; 7:13; 1Co 10:5, 8, 10).

Portanto, o apóstolo parece ter em mente os pecadores arrependidos que foram justificados por Deus antes da cruz. A evidência para isso,

além de *endeixis*, é a ligação da justiça de Deus com Seu direito de justificar (v. 26). Então, a ideia não é simplesmente que Deus reteve a punição dos pecados quando Ele deveria tê-la imposto, mas que Ele passou por alto tais pecados, ao justificar, sem respaldo legal por assim dizer (cf Hb 10:4), aqueles que os cometeram.<sup>11</sup> Por exemplo, esse foi o caso de Abraão e Davi (cf Rm 4:1-8). Ao perdoar pecados em um tempo em que o sangue propiciatório ainda não havia sido derramado (ver Hb 9:15), Deus colocou Seu próprio caráter em jogo, suscitando sérias dúvidas a respeito de Sua suposta justiça (Sl 9:8; Is 5:16).

“Fora de nós mesmos,  
nada existe em todo  
o Universo que  
possa nos afastar da  
salvação de Deus”

Assim, se a intenção de Deus ao apresentar Jesus Cristo como *hilastérion* foi demonstrar Sua justiça, de modo que “no tempo presente” Ele possa ser “justo e justificador” daqueles que creem em Jesus (Rm 3:26), isso parece implicar que nos tempos anteriores Ele teria sido somente uma dessas duas coisas – somente justificador, sugerindo que Ele não era justo quando agia como tal. A noção de Deus não agindo com justiça, ou não sendo justo, parece soar como blasfêmia, porém, esse é exatamente o significado das palavras de Paulo nessa passagem. Ele usou a linguagem forense para descrever as implicações da maneira pela qual Deus tratou com os pecados no passado e, por extensão, também no presente, pois não há dúvida de que o pecado é um problema humano, mas, uma vez perdoado, torna-se um problema divino. Deus é quem tem que prestar contas por ele. Talvez, nada exista mais contraditório à Sua santidade e justiça que Seu ato de justificar o ímpio (Hb 4:5). Mas a

Bíblia deixa claro que Deus também é amor, e a tensão entre amor e justiça foi resolvida na cruz (Rm 5:6-11).

## Perdão e eliminação de pecados

Se uma coisa está clara em Romanos 3:21-26, é que a cruz dá a Deus o direito de perdoar e justificar. A cruz é tudo o que Deus necessita para implementar salvação. Na cruz, todos os sacrifícios do Antigo Testamento encontraram seu cumprimento, incluindo o que era oferecido no Dia da Expição. Então, por que necessitamos de uma doutrina do santuário celestial, conforme é reivindicado pelos adventistas do sétimo dia?

A palavra grega *hilastérion* também é usada no Novo Testamento para a tampa de ouro sobre a arca da aliança no lugar santíssimo do santuário israelita (Hb 9:5; cf Êx 25:17-22). A arca era o supremo símbolo da presença de Deus entre Seu povo. Usualmente chamada de “propiciatório”, essa tampa, sombreada pelas asas de dois querubins, era de fato o lugar em que se realizava a segunda fase do ritual da propiciação – ou expiação.<sup>12</sup> Na primeira fase, os pecados eram perdoados e transferidos para o santuário (Lv 4:3-7, 13-18, 22-25, 27-30). Na segunda fase, que ocorria uma vez anualmente, no Dia da Expição, o santuário era purificado de tais pecados (Lv 16:15-19). Na verdade, o Dia da Expição não tratava de perdão; o termo não ocorre em Levítico 16 e nem em 23:27-32. O Dia da Expição era a ocasião em que o santuário e o povo eram purificados, e os pecados finalmente e definitivamente eliminados (Lv 16:29-34; 23:27-32).

Portanto, perdoar pecados e eliminar pecados não são a mesma coisa. O perdão, que era real e efetivo, era conseguido por meio dos sacrifícios regulares (Lv 17:10, 11), quando os pecados eram transferidos para o santuário, isto é, para o próprio Deus. “Deus assume a culpa dos pecadores para declará-los justos. Se Deus perdoa pecadores, Ele assume

a culpa deles.”<sup>13</sup> Porém, os pecados necessitavam ser apagados, e isso era feito no Dia da Expição. Duas coisas, então, devem ser vindicadas: o direito de Deus para perdoar e a apatidão do pecador para ser perdoado, que nada mais é que sua fiel aceitação do perdão de Deus.

Em outras palavras, o perdão tem dois lados: o lado daquele que o oferece e o lado daquele que o recebe. No que se refere à salvação, os dois lados devem ser vindicados: o lado de Deus, do contrário Ele podia ser acusado de arbitrariedades; e o lado humano, senão o resultado seria universalismo, que é a ideia de que toda a humanidade finalmente será salva. Se a salvação é pela fé, ela necessita ser aceita. Portanto, assim como o sacrifício vindica a prerrogativa de Deus para perdoar (Rm 3:25, 26), uma espécie de investigação é necessária, a fim de demonstrar que o perdão foi verdadeiramente aceito. Somente quando os dois lados do perdão são clara e plenamente vindicados, pode a culpa – a responsabilidade legal – ser finalmente retirada do próprio Deus.

É por isso que necessitamos de ambos, a cruz e o santuário, o sacrifício e o Dia da Expição. Naquele dia, o mais importante do calendário religioso de Israel, visto que marcava a purificação final do santuário e do povo, era exigido que todos cesassem suas atividades e se humilhassem em plena submissão a Deus (Lv 23:27). Aqueles que não seguissem as instruções, o que implica alguma forma de escrutínio, eram eliminados do meio do povo e destruídos, mesmo que tivessem sido perdoados anteriormente (v. 29, 30).

Na cruz, o próprio Deus levou sobre Si o castigo do pecador (1Co 15:3; 2Co 5:14, 15; 1Pe 2:24; 3:18). Ele pagou o preço do resgate e derramou o sangue propiciatório para nossa salvação. Essa é a razão pela qual Jesus teve que morrer, para que fôssemos salvos. No santuário, o compromisso do crente para com Deus é verificado, de modo a demonstrar que Ele agiu corretamente em perdoar esta ou

aquela pessoa. De maneira nenhuma a cruz pode demonstrar que Deus é justo quando Ele justifica um pecador individual – o lado humano do perdão. A cruz dá a Deus o direito de perdoar. Como sacrifício de expiação, a cruz foi perfeita e completa, mas apenas isso não pode vindicar a genuinidade de nossa fé em Jesus Cristo como nosso Salvador. É necessário algo mais – para trazer expiação à sua fase final – e é aqui que o santuário entra em cena.

Então, o santuário não tem nada que ver com obras, assim como o perdão também não o tem. O apóstolo Paulo é absolutamente claro sobre isso em Romanos 8:31-39. Quando são acusados de inelegibilidade para a salvação por causa de seus pecados, aqueles que depositaram sua confiança em Jesus podem descansar na segurança de que Ele está intercedendo em favor deles diante de Deus. Eles nada têm a temer, pois nada existe nem ninguém que seja capaz de separá-los “do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (v. 39; cf 1Jo 1:9)

A salvação não ocorre uma vez para sempre; mas fora de nós mesmos, nada existe em todo o Universo que possa nos afastar da salvação de Deus (cf Jo 6:37). “Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé... Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel” (Hb 1:22, 23). Essa é a mensagem do santuário. ▀

#### Referências:

- <sup>1</sup> Desmond Ford, *Right With God Right Now: How God Saves People as Shown in the Bible's Book of Romans* (Newcastle: Desmond Ford, 1999), p. 43-55. Num determinado ponto de sua discussão, Ford também reage contra a assim chamada Teoria da Influência Moral, segundo a qual a cruz não era realmente necessária, que a morte de Jesus não foi senão um gesto de Deus, para mostrar que Ele nos ama, o que significa que Ele podia ter perdoado pecados sem a cruz (44-48). Entretanto, o principal argumento de Ford é que “o antigo Dia da Expição nada tem que ver com o século 19. Ele aponta para a cruz de Cristo. Foi ali que a expiação final e completa foi realizada. O Calvário foi o único lugar de completa expiação. Nós olhamos apenas

para o Calvário, não para um evento ou data inventada pelo homem” (55). Sobre a Teoria da Influência Moral, ver também John R. W. Stott, *The Cross of Christ* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986), p. 217-226.

<sup>2</sup> Este artigo segue a interpretação reformada tradicional quanto à doutrina de Paulo sobre justificação, particularmente com respeito a questões como “obras da lei” (Rm 3:20; Gl 2:16; 3:2, 5, 10), que se referem ao conceito de que o favor de Deus é conquistado por meio de boas obras e obediência a todas as prescrições da lei; bem como à expressão *pistis Christou* (Rm 3:22, 26; cf Gl 2:16, 20; 3:22; Fp 3:9), que é compreendida como “fé em Cristo”, antes que “fé [plenitude] de Cristo”, conforme é argumentado pela assim chamada Nova Perspectiva Sobre Paulo. A respeito disso ver Thomas R. Schreiner, *New Testament Theology: Magnifying God in Christ* (Grand Rapids: MI Baker, 2008), p. 528-534.

<sup>3</sup> C. E. B. Cranfield, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans* (Edinburgh: T&T Clark, 1975), p. 199.

<sup>4</sup> “Fé é o olho que olha para Ele [Cristo], a mão que recebe Seu dom gratuito, os lábios que bebem a água da vida”; John R. W. Stott, *Romans: God's Good News for the World* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 117.

<sup>5</sup> Ver Mark D. Baker e Joel B. Green, *Recovering the Scandal of the Cross: Atonement in New Testament and Contemporary Contexts* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2011), p. 45-49, 70-83.

<sup>6</sup> D. A. Carson, *The Glory of the Atonement: Biblical, Theological and Practical Perspectives* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), p. 124, 125, 138.

<sup>7</sup> BDAG, p. 332.

<sup>8</sup> Tem havido esforços no sentido de se traduzir *paresis* como “perdão”. A maioria dos intérpretes, porém, está convencida de que não existe suficiente apoio léxico para essa tradução. Ver, por exemplo, Sam K. Williams, *Jesus's Death as Saving Event: The Background and Origin of a Concept* (Missoula, MT: Scholars Press, 1975), v. 2, p. 23-25.

<sup>9</sup> Conforme disse William Barclay, “o natural seria dizer: ‘Deus é justo, portanto, condena o pecador como um criminoso’”; *The Letter to the Romans* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1975), p. 69.

<sup>10</sup> Leon Morris, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), p. 183.

<sup>11</sup> “Deus ‘adiou’ a retribuição completa devida aos pecados na Antiga Aliança, permitindo que pecadores estivessem diante dEle sem que uma adequada ‘satisfação’ dos requerimentos de Sua santa justiça fosse provida”; Douglas Moo, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, MI: 1995), p. 240.

<sup>12</sup> Por causa disso, em muitas línguas modernas, *hilasterion* em Hebreus 9:5, bem como no equivalente hebraico em Êxodo 25:17-21 e outras passagens do Antigo Testamento (*kapporet*) é traduzida como “propiciatório”, conforme Jerônimo fazia na Vulgata Latina. A palavra “propiciatório”, que é mais uma interpretação do que tradução, foi introduzida por William Tyndale, sob a influência do termo alemão *gnadenstul*, da Bíblia de Lutero.

<sup>13</sup> Martin Pröbstle, *Where God and I Meet: The Sanctuary* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013), p. 55.



# O templo nos salmos

*Além de Daniel e João, os salmistas fizeram importantes descrições do santuário celestial*

O livro dos Salmos pinta alguns quadros fascinantes a respeito do templo celestial, embora nem sempre essas figuras sejam plenamente compreendidas. Antes de mais nada, é importante enfatizar que a palavra hebraica para templo – *hékál* – também significa “palácio”, de modo que o templo de Deus é Seu palácio.<sup>1</sup> Portanto, Deus, como Rei, é também Deus, como Juiz. Sublinhados em cada um desses temas estão os subtemas da criação e da adoração.<sup>2</sup>

Primeiramente, este artigo examinará passagens que falam de Deus como o Rei eterno, entronizado no Céu. Isso incluirá Sua vitória sobre o mal, a afirmação de que Seu trono está no Céu, não na Terra, Sua santidade e a adoração que Ele recebe. A segunda parte do artigo tratará o aspecto de Deus como Juiz, primeiro como Aquele que preside o concílio

celestial; então, o exame dos eventos sobre a Terra, a batalha para resgatar Seus súditos e, finalmente, Sua decisão de julgar o mundo.

Neste trabalho, serão usados apenas versos dos Salmos que estejam no contexto do palácio ou templo celestial.<sup>3</sup>

## O Senhor reina

Os salmos de adoração foram compostos ao longo da história de Israel e descrevem o Monarca Divino sobre Seu trono. Esses salmos podem ser orações em favor de ajuda diante de ataques iminentes, orações em busca de segurança diante do escárnio, ou simplesmente podem ser reflexões sobre as maravilhas da criação. Portanto, será feita uma seleção de salmos descrevendo Deus sobre Seu trono, a fim de ilustrá-Lo como vitorioso, de onde Ele reina e o louvor que recebe.

## Vitorioso entronizado

*O Senhor reina!*

*Exulte a Terra e alegrem-se as regiões costeiras distantes” (Sl 97:1).*

O Salmo 97 exalta Aquele cujo trono é fundamentado em justiça (v. 2), diante de quem vai o fogo, os relâmpagos iluminam e as montanhas se derretem (v. 3-5). Embora Sua forma física permaneça velada, a descrição de Deus aqui é fundamentada sobre o que alicerça Seu trono – retidão e justiça. Enquanto “a impenetrável escuridão das nuvens afirma reverentemente o mistério de Sua natureza”, esse hino de louvor declara que “Deus é o Regente do mundo e o Juiz do mundo.”<sup>4</sup>

*O Senhor é rei para todo o sempre; da sua terra desapareceram os outros povos” (Sl 10:16).*

O Salmo 10 fala de malfeitores zombeteiros da lei, e Deus aparentemente escondido (v. 1-4). Os perpetradores, a emboscada do mal, roubo, assassinato, e opressão sobre o desamparado, pensam que Deus nada vê e tem-Se esquecido (v. 7-11). O salmo fecha com uma lembrança de que “YHWH” é sempre Rei (v. 16), e que Ele fará justiça ao órfão e oprimido – o mais fraco e mais vulnerável na sociedade.

*Senhor reina! Vestiu-Se de majestade; de majestade vestiu-Se o Senhor e armou-Se de poder!...*

*O Teu trono está firme desde a antiguidade; Tu existes desde a eternidade (Sl 93:1, 2).*

O contexto da entronização de Deus é a criação, muito diferente da entronização de monarcas terrestres, fundamentada na derrota de rivais e inimigos. O Salmo 93 liga o estabelecimento do trono de Deus (v. 2) ao estabelecimento da Terra na criação (v. 3). Isso está “em marcante contraste” com “o motivo da batalha cosmogênica encontrado em outros relatos da criação”, como por

exemplo, *Enuma Elish* as narrativas ugaríticas sobre Baal.<sup>5</sup> Na antiga cosmologia babilônica, a entronização do deus Marduque era celebrada subsequente à sua “vitória sobre os poderes do caos e a criação do mundo”.<sup>6</sup> O Salmo 93 celebra a entronização de Deus, alicerçado no poder e natureza intrínsecos do Criador.

*Escuta-nos, Pastor de Israel, Tu, que conduzes José como um rebanho; Tu, que tens o Teu trono sobre os querubins, manifesta o Teu esplendor” (Sl 80:1).*

Nesse salmo, Davi descreve Deus como “Pastor de Israel”<sup>7</sup> e habitando “sobre os querubins”; algo facilmente reconhecido como imagem do templo. O contexto do salmo é o julgamento de Deus sobre a cidade, que teve seus muros derrubados (v. 12). A cidade foi queimada (v. 16), e seus inimigos riam zombeteiramente (v. 6). Nesse contexto, vemos o Monarca querubim-entronizado no Céu (v. 14). G. K. Beale traça o paralelo entre o templo terrestre, cujo querubim estava esculpido na arca e elaborado na cortina, e o santuário celestial, no qual querubins angélicos viventes guardam o trono.<sup>8</sup> Aqui, Deus está sentado com todo o Seu majestoso poder, pronto para receber a súplica do Seu povo, em favor de restauração (v. 19).

*O Senhor estabeleceu o Seu trono nos Céus, e como Rei domina sobre tudo o que existe” (Sl 103:19)*

Esse magnífico salmo focaliza o objeto de adoração – Deus. Inspira-se fortemente a partir da proclamação do nome de Deus no Sinai (Êx 33:12-34:7) e enumera as formas pelas quais Deus mostra Sua soberania: Ele perdoa a iniquidade e cura a enfermidade (v. 3), redime o povo da destruição e o “coroa” com Seu concerto de fidelidade (v. 4), satisfaz e renova (v. 5), assegura-nos de Sua justiça (v. 6), é tardio em irar-Se (v. 8), embora não contenda conosco para sempre (v. 9). Não nos trata se-

gundo nosso merecimento (v. 10), remove para o mais longe possível nosso pecado (v. 11, 12), e Sua compaixão para conosco é mais forte que a de um pai (v. 13).

*O Senhor está no Seu santo templo; o Senhor tem o Seu trono no Céu. Seus olhos observam; Seus olhos examinam os filhos dos homens (Sl 11:4).*

Esse texto claramente resume tudo o que pode ser dito sobre Deus como Rei e Juiz. No contexto da fuga de Davi dos seus inimigos e luta pela intervenção divina, Weiser sugere que a aclamação de Deus como Rei no Salmo 11 liga dois temas: a cerimônia de entronização e a conquista da terra.<sup>9</sup> Note a síntese do templo santo e seu lugar no Céu. Note igualmente que o trono celestial é descrito como estando naquele santo templo celestial, afirmando que – em face de toda ameaça enfrentada pelos filhos de Deus – em última instância, Deus detém o poder e a justiça.<sup>10</sup>

*Pai para os órfãos e defensor das viúvas é Deus em Sua santa habitação” (Sl 68:5).*

O Salmo 68 descreve Deus como Pai, com jurisdição sobre três montes: Sinai, Basã e Sião (v. 8, 15, 29). Aqui, é observada uma progressão de uma sessão para outra do salmo. Na primeira, Davi pinta Deus cavalgando sobre as nuvens na planície do deserto<sup>11</sup> para encontrar Seu povo no Sinai. Na segunda sessão, Ele cavalga entre incontáveis milhares de carros no Monte Basã (v. 18) e, na terceira, Ele cavalga pelo Céu, entrando no santuário (v. 24). Cada descrição de Deus encontrando Seu povo a cada montanha é sempre mais magnificente que a anterior. Em meio à grandeza do poder militar e da realeza, a primeira preocupação do Deus Pai são os órfãos e viúvas (v. 5), os desprivilegiados (v. 6), o pobre (v. 10) e os cativos (v. 18). A esses, Ele concede “poder e força” que se tornam a base para o louvor por eles tributado (v. 35).

## Aleluias

*Sê exaltado, ó Deus, acima dos Céus; estenda-se a Tua glória sobre toda a Terra! (Sl 108:5).*

*O Senhor está exaltado acima de todas as nações; e acima dos Céus está a Sua glória (Sl 113:4).*

Aqui Davi descreve Deus sentado no alto, uma referência a Seu trono celestial. Sua glória é vista acima dos céus (Sl 113:4) e Ele habita “acima” (v. 5), de onde nota o que acontece no Céu e na Terra (v. 6). Assim, quando Ele ergue do pó o necessitado e ergue do lixo o pobre, dando a eles assento com príncipes (v. 7, 8), e quando Ele dá filhos à mulher estéril enchendo de alegria o seu lar, ressoam aleluias (v. 9).

*Aleluia! Louvem o Senhor desde os Céus, louvem-nO nas alturas!” (Sl 148:1)*

*Aleluia! Louvem a Deus no Seu santuário, louvem-nO em Seu magnífico firmamento (Sl 150:1).*

O Salmo 148 é um hino de louvor que enumera as maravilhas da criação e encoraja todos os povos a louvar a Deus “nas alturas” (v. 1) e também “na Terra” (v. 7). O Salmo 150 é o grande clímax dos salmos que louvam a Deus em Seu santuário. Esse salmo culminante de louvor sugere que todas as vozes no Céu e na Terra cantam louvores a Deus, acompanhadas da orquestra e dos músicos do templo.<sup>12</sup>

## Deus julga

Até agora, nosso estudo afirma que o tema do julgamento está intimamente ligado a Deus como Rei. Portanto, desde que ele reina a partir de um palácio ou templo, a implicação é que Ele é Rei e Deus colocando Seus esforços em favor de um povo esperançoso. Essa parte explora tais possibilidades, primeiramente, atentando para as descrições de Deus presidindo o concílio celestial; então,

notando como Ele observa a injustiça e os clamores por liberdade; e, finalmente, descrevendo-O como veio à Terra em resposta.

## Deus preside

*É Deus quem preside à assembleia divina; no meio dos deuses, Ele é o Juiz” (Sl 82:1).*

*Os Céus louvam as Tuas maravilhas, Senhor, e a Tua fidelidade na assembleia dos santos [...].*

*Na assembleia dos santos, Deus é temível, mais do que todos os que O rodeiam (Sl 89:5, 7).*

No antigo Oriente Próximo havia a ideia de uma grande assembleia de deuses, presidida por um deus superior. Nesse contexto, os grandes imperadores da época chamavam a si mesmos de Rei dos reis e Senhor dos senhores. Isso significava que os reis inferiores tinham assento na assembleia sob o comando do grande rei, esperando que ele administrasse “justiça para todos os reinos e nações da Terra”.<sup>13</sup> Em resposta a isso, as Escrituras também descrevem Deus como presidente (Sl 82:1). Mas, de acordo com o salmista, em vez de presidir divindades, é a congregação dos santos que Deus preside (89:5, 7).

Esse tema também é visto no livro de Apocalipse na descrição do trono de Deus rodeado por 24 anciãos (Ap 4:4). Eles são aqueles que notam Seus poderes criativos (Sl 89:9), reverenciam-nO com santo temor (v. 7), regozijam-se em Seu nome (v. 16) e Ele é Sua glória e força (v. 17).

## Deus vê os eventos da Terra

*O Senhor olha dos Céus para os filhos dos homens, para ver se há alguém que tenha entendimento, alguém que busque a Deus (Sl 14:2; 53:2).*

Nada do que acontece na Terra permanece escondido aos olhos penetrantes de Deus, mas o que é escondido é a pessoa que “age sabiamente e O considera”.<sup>14</sup> Enquanto

os néscios pensam que não há Deus (Sl 14:1), esse Deus olha dos Céus e nota que a corrupção é disseminada desenfreadamente. Nesse contexto, Davi suplica por julgamento ou salvação vinda “de Sião” (v. 7).

*Do Seu santuário nas alturas o Senhor olhou; dos Céus observou a Terra” (Sl 102:19).*

O Salmo 102 contém algo similar. Esse salmo vem de uma pessoa aflita que pede ajuda a Deus, O entronizado para sempre (v. 12); porque Deus, dos Céus, olha e vê a Terra (v. 19). Portanto, embora a criação envelheça e necessite de mudança (v. 26), a vontade de Deus continua eterna (v. 27) assegurando a Seu povo um futuro em segurança (v. 28).

*Dos Céus olha o Senhor e vê toda a humanidade (Sl 33:13).*

Do lugar onde está entronizado, Deus olha e vê os seres humanos como aqueles aos quais Ele formou (v. 15). Nenhum rei nem oficial militar pode livrar o povo das calamidades enfrentadas (v. 16, 17), mas Deus pode livrar (v. 18, 19), e somente Ele pode responder a seus mais profundos anseios (v. 20-22). Note que a ação de Deus observando Seu povo não significa tornar a vida mais insuportável para Seus filhos, mas libertá-los das piores opressões que eles enfrentam.

## Deus ouve o clamor por liberdade

*Volta-te para nós, ó Deus dos Exércitos! Dos altos Céus olha e vê! Toma conta desta videira (Sl 80:14).*

O contexto do Salmo 80 é uma batalha e, sem dúvida, os confrontos travados entre exércitos bem armados poderiam ter dizimado totalmente qualquer vinha ou seara no campo de batalha. Em meio a esse caos, Deus é apresentado como tirando o salmista de águas profundas. O mesmo verbo é usado para



descrever o episódio em que Moisés foi tirado do rio Nilo (Êx 2:10).

*Estende, Senhor, os Teus Céus e desce; toca os montes para que fumeguem [...]*

*Das alturas, estende a Tua mão e liberta-me; salva-me da imensidão das águas, das mãos desses estrangeiros (Sl 144:5, 7).*

Esse salmo retrata um hino de Davi, no qual Deus é exaltado por lhe haver possibilitado êxito em guerras no passado, e pede que Deus faça isso novamente, a fim de que ele tenha segurança e prosperidade (v. 12-14). Ele pede que o Senhor estenda os Céus, desça (v. 5) e também estenda Sua mão para resgatá-lo “*da imensidão das águas*”. Embora esses versos descrevam um cenário de liberdade em meio a uma batalha, desta vez o verbo ecoa a libertação do povo israelita com um todo.

### Deus desce

*E os Céus proclamam a Sua justiça, pois o próprio Deus é o Juiz (Sl 50:6).*

O fogo devorador e a estrondosa tempestade nesse salmo são reminiscências da teofania do Sinai,<sup>15</sup> onde a lei originalmente foi dada. Esse salmo parece ter também um sentido escatológico. De acordo com Weiser, “a configuração cósmica dá uma ênfase universal e escatológica”.<sup>16</sup> Em toda sua extensão, Céus e Terra são convocados (v. 4). Todas as bestas do campo (v. 10), todo pássaro nas montanhas (v. 11), o povo de Deus (v. 7) e os ímpios (v. 16) chamados. Isso não descreve algo acontecendo em lugar isolado, mas o dia universal do Senhor, mencionado no verso 15 como “dia de angústia”. A natureza pública dessas descrições é óbvia. Os Céus são encorajados a proclamar a “Sua justiça, pois o próprio Deus é o juiz” (v. 6.) Então acontece o julgamento, inicialmente dirigido ao povo de Deus (v. 6-15); depois, aos malfeitores (v. 16-22). O último verso assegura que aqueles

que oferecem ações de graças verão a salvação (v. 23).

### Resumo

Há muito mais sobre o santuário nos salmos do que nos rituais da tenda no deserto. Conforme observamos, os salmos focalizam o grande tema do reino e juízo de Deus. Deus não somente habita em um palácio ou templo, mas também Seu trono parece semelhante ao propiciatório na arca do concerto e, em vez de ser ladeado por querubins de ouro, Ele está rodeado por seres vivos, reais.

Notamos que Deus reina – no Céu e desde a eternidade. Isso imediatamente exclui qualquer estrutura terrestre, porque todos os santuários humanos são transitórios. Todavia, o lugar efetivo de Seu santuário parece ambíguo, porque o templo terrestre era sombra da realidade e ambos eram inextricavelmente ligados. O que Deus decidia no Céu era visto como vindo da Terra e vice-versa. Há muitas referências para sugerir que a estrutura terrestre funcionava como um minúsculo microcosmo da estrutura eterna, mas em escala limitada.

À medida que os vários salmistas contemplavam esses temas, seu senso de louvor produzia algumas peças majestosas. Esse louvor cobria todo o reino criado, compatível com o escopo da monarquia de Deus. Esse louvor também saía dos lábios de todos os tipos de pessoas, e elas não apenas recontavam os atos da criação de Deus e suas várias vitórias redentoras no passado, mas expressavam permanente confiança na libertação futura, provida por Deus.

A justiça realizada por Ele é correta e imparcial, estando em marcado contraste com os corruptos e incompetentes julgamentos do reino humano. Para a mente moderna, isso parece maravilhoso porque os escritores dos salmos realmente pleiteavam por julgamento. Os antigos viam o juízo como a maneira pela qual Deus os afirmava, especialmente quando estavam sob opressão. Deus ouve o clamor de Seu povo

angustiado, quando este clama por ajuda. Para os filhos de Deus, o juízo é salvação, não punição.

Esses temas nos dão um vislumbre mais profundo sobre o santuário – além dos móveis e simbolismos. O fato de que Deus governa de Seu palácio, para assegurar justiça, e preside a partir de Seu templo para garantir santidade e restauração, sugere-nos que iniciamos essa jornada. Essa breve investigação dos salmos nos lembra de que há maiores profundidades que necessitamos sondar. O tema sobre Deus entronizado no palácio ou templo celestial merece mais amplo estudo, e somos chamados a esse desafio. ▮

*“Embora a criação envelheça, a vontade de Deus é eterna, assegurando a Seu povo um futuro em segurança”*

### Referências:

- <sup>1</sup> Ver Salmo 45:15; Daniel 14; 1 Reis 21:1, por exemplo.
- <sup>2</sup> Salmos que descrevem Deus como Rei e Juiz: 47, 50, 82, 93, 96, 97, 98, 99; George A. E. Knight, *Psalms*, (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1983), v. 2, p. 368.
- <sup>3</sup> Esses incluem os Salmos 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 18, 33, 43, 47, 48, 50, 53, 57, 58, 60, 68, 75, 76, 80, 82, 85, 89, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 108, 113, 115, 119, 123, 135, 144, 148, 150.
- <sup>4</sup> Arthur Weiser, *Old Testament Library* (Philadelphia, PA: Westminster, 1962), p. 632.
- <sup>5</sup> Mark K. George, *Israel's Tabernacle as Social Space* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2009), p. 92.
- <sup>6</sup> Arthur Weiser, *Op. Cit.*, p. 617.
- <sup>7</sup> Samuel Noah Kramer, *History Begins at Sumer: Thirty-Nine Firsts in Recorded History* (Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1998), p. 92.
- <sup>8</sup> G. K. Beale, *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2004), p. 35.
- <sup>9</sup> Arthur Weiser, *Op. Cit.*, p. 154.
- <sup>10</sup> *Ibid.*, p. 156.
- <sup>11</sup> A emenda comumente sugerida: “andar nas nuvens” é criativa, mas não se justifica. A forma quiástica paralela é: “Quando você marchou pelo deserto” (v. 7).
- <sup>12</sup> Arthur Weiser, *Op. Cit.*, p. 841.
- <sup>13</sup> George A. E. Knight, *Op. Cit.*, p. 54.
- <sup>14</sup> Arthur Weiser, *Op. Cit.*, p. 165.
- <sup>15</sup> *Ibid.*, p. 395.
- <sup>16</sup> *Ibid.*



Editor associado da Adventist Review/Adventist World, jubilado, reside em Silver Spring, Estados Unidos

# Clamor por justiça

*A resposta para os males do nosso mundo, no contexto do santuário celestial*

**E**les clamavam em alta voz: “Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, esperarás para julgar os habitantes da Terra e vingar o nosso sangue?” (Ap 6:10).

“Milhares de milhares O serviam; milhões e milhões estavam diante dEle. O tribunal iniciou o julgamento, e os livros foram abertos” (Dn 7:10).

Muitos anos atrás, eu viajava para a costa norte dos Estados Unidos, para fazer uma palestra sobre o santuário em uma faculdade adventista. Assim que nos sentamos, eu e o passageiro ao meu lado conversamos a respeito do propósito de nossa viagem. Quando pensei que a conversa havia terminado, repentinamente ele me fez esta pergunta: “Sobre o que você vai falar?”

Enquanto eu lutava para descrever o assunto de minha palestra, de maneira que fizesse sentido para ele, ocorreu-me o pensamento de que, como adventistas, nós temos desenvolvido uma linguagem específica a respeito do tema santuário, que não é fácil traduzi-la em termos comuns para o público em geral. Em um dos meus livros sobre o santuário,<sup>1</sup> deixo claro que, a fim de compreendermos plenamente o ensino central desse tema, necessitamos focalizar seus princípios básicos. Fazendo isso, todo o processo do santuário antigo se divide em três segmentos fundamentais:

- ◆ Expição no pátio exterior – apontando o Calvário.

- ◆ Intercessão no lugar santo – figura do ministério de Jesus, nosso grande Sumo Sacerdote, desde a ascensão até o fim do tempo da graça.

- ◆ Serviços solenes do Dia de Expição anual – simbolizando o juízo.

Desejo focalizar os aspectos do terceiro segmento.

## Coçando onde o povo coça

Se a doutrina do santuário deve permanecer relevante e forte, ela deve como que fazer contato com o mundo contemporâneo, falando a seus problemas e anseios. Em outras palavras, deve “coçar onde o povo está coçando hoje”.

Qual é o maior desejo das pessoas ao nosso redor (e mesmo nosso desejo)? Entre outros, gostaria de sugerir os seguintes: justiça, perdão, reconciliação, paz, comunidade, renovação, segurança. E quais são os problemas que enfrentamos? Xenofobia, alienação, solidão, aborrecimento, estresse, desespero, desavenças, futilidade. Este artigo aborda justamente um desses anseios contemporâneos – o desejo por justiça. A justiça não apenas está intimamente entrelaçada com juízo, mas constitui-se o objetivo fundamental dele. Assim sendo, é um tema central do santuário.

Enquanto eu preparava minha tese doutoral sobre a doutrina do

santuário na igreja adventista, em uma sala da Biblioteca Tiago White, na Universidade Andrews, tive a companhia de outro doutorando que pesquisava sobre Daniel 7. Lembre-me perfeitamente do dia em que ele literalmente pulou da cadeira, quebrando o silêncio do ambiente e anunciou: “Achei!” Estudando cuidadosamente o texto original, ele havia descoberto que o juízo descrito em Daniel 7 estava acontecendo no tempo histórico, contemporaneamente às atividades do “chifre pequeno” na Terra – o que significava que o juízo estava acontecendo pré-advento. Ele sempre havia acreditado desse modo, mas a razão de seu entusiasmo foi o fato de ele haver realmente visto isso no texto.

Os adventistas têm a tendência de confinar esse juízo (pré-advento) a comparativamente poucas pessoas que têm reivindicado o nome de Deus ao longo dos séculos. Mas, uma leitura cuidadosa de Daniel 7, em conjunção com Daniel 8 e as seções correspondentes no livro de Apocalipse, indicaria que o juízo pré-advento inclui, em seu escopo, o fiel povo de Deus – “os santos do Altíssimo” (Dn 7:18, 22); o povo apóstata de Deus, simbolizado pelo “chifre pequeno”, “Babilônia” e a besta que surgiu do mar, de Apocalipse 13 (Dn 7:8, 11, 20-22, 25, 26; Ap 13:5-8; 16:10, 11; 18:2, 15-20); “os reis” e

“os habitantes da Terra” cooperando com Babilônia (Ap 17:1, 2; 19:17-20)); o demônio – “a antiga serpente”, o enganador de todo mundo (Ap 12:9; 20:1-3) e, finalmente (em certo sentido), o próprio Deus (Ap 15:2-4; 19:1, 2, 11-16).

Embora seja impossível desembrulhar tudo isso em um só artigo, na verdade, a lista mostra os amplos parâmetros dessa extraordinária sessão do tribunal celestial. Daniel 7 significa o confronto de nações, instituições e indivíduos com apavorante gravidade desse tribunal em sessão, agora e com suas profundas implicações para cada pessoa na Terra. Acreditar de outra forma é responsabilizar Deus, inadvertidamente, pela injustiça. Pois em Apocalipse 16, as sete últimas pragas do santuário celestial são derramadas apenas sobre os que têm “a marca da besta” – indicando claramente “ter havido uma avaliação prévia, a fim de imprimir a marca legalmente a alguns e não a outros”.<sup>2</sup>

### Por que é importante

Num tempo de crescente impaciência e frustração das pessoas com a administração de justiça no mundo, essa mensagem de juízo, corretamente conduzida, alcançará o constante desejo humano por justiça.

Senti isso durante um voo da Alemanha à África do Sul, em 1995. A senhora que sentou ao meu lado, percebendo que eu era pastor, quis saber minha opinião sobre os genocídios em Bósnia e Ruanda. Ela não podia entender como os perpetradores daquelas atrocidades podiam continuar impunes. Enquanto eu observava a profundidade da preocupação dela, comecei a lhe falar sobre o juízo e, com surpresa, percebi tranquilidade em seu rosto. Quando terminei de falar, ela sorridente compreendeu que, em última instância, há Alguém que levará os perversos à justiça.

Em ligação com isso, sempre me sinto fascinado pelo Salmo 73, com suas descrições a respeito do mal e o destino de seus perpetradores. Asafe, a quem é atribuída a autoria

desse Salmo, confessou que “faltou pouco para que se desviassem” os seus passos, ao invejar a prosperidade do ímpio. Inflados pela arrogância, eles reivindicavam os céus e a Terra e, nesse processo, chegavam a questionar a sabedoria de Deus (Sl 73:6-11). “Sempre despreocupados”, aumentavam suas riquezas, enquanto os piedosos e humildes sofriam tormento e escárnio (v. 12-15).

Esse é o grande enigma dos séculos. É a vida imparcial? Há justiça? Isso quase levou Asafe ao agnosticismo; em muitas maneiras ainda contamina nossa mente hoje. “Quando tentei entender tudo isso, achei muito difícil para mim”, disse Asafe, “até que entrei no santuário de Deus, e então compreendi o destino dos ímpios” (v. 16, 17).

Qualquer que seja o significado das palavras de Asafe, elas certamente apresentam o santuário como o lugar em que nossa visão é desanuviada, o enigma da vida é esclarecido, e nós obtemos um claro conceito da justiça final. Vista através da lente do santuário, a descoberta de Asafe pode nos trazer, em nossos dias, o senso de segurança, reconciliação, paz, renovação e esperança.

### O clamor do mundo

No tempo presente, o espectro da injustiça nos oprime. Há os produtores e disseminadores da pornografia que, com seus multibilionários empreendimentos, fazem naufragar anualmente incontáveis famílias e vidas. Assim também fazem os que traficam drogas ilícitas e seres humanos; assassinos facínoras; terroristas, audaciosamente mutilando e matando pessoas inocentes; os chefes do crime organizado, e aqueles que oprimem o pobre desamparado. Se catalogássemos todas as injustiças da sociedade contemporânea, poderíamos encher inacabáveis volumes enciclopédicos.

Os Estados Unidos estão entre os melhores países do mundo em relação à justiça. No entanto, é um país em que um homem que mata um inocente jovem negro de 17 anos, anda

livremente e continua administrando seus negócios. Por outro lado, uma mulher negra em Tampa, Flórida, que disparou uma arma de advertência contra uma parede, a fim de assustar o marido abusador – sem ferir ninguém – foi condenada a 20 anos de prisão.

Hoje, mil pontos de conflito ao redor do mundo estão adormecidos, latentes, mas não mortos, porque a justiça nunca foi realizada. Genocídios revoltantes e crimes contra indivíduos e humanidade continuam sem solução e sem punição.

Em 16 de fevereiro de 1997, o programa *60 Minutos*, da rede CBS apresentou uma reportagem de Bob Simon, sobre a Comissão de Reconciliação e Verdade da África do Sul. A comissão se esforçava para compreender plenamente os trágicos eventos que tiveram lugar durante os anos cruéis do *apartheid*. Ao descrever a maneira pela qual a comissão trabalhava, Simon, talvez involuntariamente, usou uma linguagem que extravasou o clamor universal por justiça: “As vítimas contam suas histórias, histórias de atrocidades literalmente indescritíveis... Então, tudo o que os perpetradores têm é a chance de confirmar seus crimes e, fazendo assim, tornam-se elegíveis para anistia. Tudo o que eles têm que fazer é dizer a verdade. Nem mesmo precisam dizer que sentem muito – nada de pedido de desculpas, nenhum remorso nem justiça.”<sup>3</sup>

A comissão certamente respondeu ao profundo desejo humano de perdão e, seu arquiteto, Nelson Mandela, recebeu os merecidos elogios de todo o mundo. Por outro lado, a comissão poderia ser vista, essencialmente, como símbolo da impotência humana diante do gigante maligno que paira sobre muitos sistemas ou indivíduos poderosos. Charity Kondile, mãe de um garoto que foi assassinado e queimado por agentes da polícia secreta, disse dolorosamente: “Imagine, algumas pessoas estão presas porque roubaram um chocolate. Agora, homens que cometem crimes tão bárbaros são anistiados. Acho ridículo, inacreditável!”<sup>4</sup>

É contra essas e muitas outras questões desoladoras que nós devemos proclamar a mensagem de um juízo em sessão, agora. Ao aceitarmos que as “almas” debaixo do altar, em Apocalipse 6:9, 10, se referem aos mártires através dos séculos, estamos certos. Porém, se nós pensamos que a referência é apenas a eles, limitamos a afronta feita a um Deus ofendido – um Deus que registra a queda do menor pardal, que sofre pela crueldade cometida contra todo ser humano sobre a Terra.

É verdade que acreditamos na misericórdia. Cremos na graça. Sem elas, onde estaria qualquer um de nós? Todavia, noto que quando Paulo, o inigualável campeão da graça entre os líderes cristãos primitivos, apareceu na corte de Félix, a mensagem que ele apresentou não incluiu nenhuma das duas coisas. Diz o relato: “Quando Paulo se pôs a discorrer acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro, Félix teve medo” (At 24:25).

Algumas vezes, pensamos que Deus é demasiadamente bom para punir pessoas – que Ele deixa esse trabalho sórdido para o demônio. Mas, se o próprio Deus não fizer justiça contra os autores de atrocidades e crimes sanguinários cometidos ao longo dos séculos, então vivemos em um universo imoral. Diante do mal extremo, há um sentimento no qual a pressa em direção à misericórdia é insensível, irresponsável, até mesmo imoral – um sentimento de que a inércia é criminosa. Em missão para a Organização das Nações Unidas, ONU, durante o genocídio em Ruanda, o general aposentado Romeo D’Allaire, do exército canadense, em vão pediu ajuda a seus superiores – alimento, remédio, dinheiro e três mil soldados. Tragicamente, a ONU nunca respondeu.

A lembrança daquele pesadelo catastrófico e particularmente de sua impotência no rastro daquela experiência sombria abalou o equilíbrio mental de D’Allaire e o enviou para tratamento psiquiátrico. Houve

ocasião em que ele tomava nove tranquilizantes e antidepressivos por dia, para livrá-lo da loucura. Em fevereiro de 2001, durante uma entrevista a Kevin Newman, da rede ABC de televisão, D’Allaire confessou abertamente que esteve a ponto de cometer suicídio.<sup>5</sup>

A injúria contra a injustiça está profundamente sepultada na mente humana.

### Verdade presente

Olhar os atos de injustiça e tragédias apenas como sinais do tempo, frequentemente, significa deixar de partilhar da indignidade que afeta as pessoas normais. Podemos parecer insensíveis, com a cabeça nas nuvens, alheios às aflições comuns às pessoas ao nosso redor. Somente quando podemos partilhar da indignação coletiva da sociedade, em relação ao fracasso de nossos sistemas humanos, podemos apontar a realidade da justiça cósmica.

Uma grande lista de santos do Antigo Testamento, em sincronia com “as almas debaixo do altar” no santuário celestial, clama por juízo, justiça, vindicação. Eles representam o clamor de milhões através dos séculos e ao redor do mundo que foram vitimados por causa de sua fé, religião, raça, origem étnica ou crenças políticas. Se essa não é uma das preocupações mais básicas da sociedade contemporânea, então devemos estar ouvindo notícias de outro planeta.

O juízo referido por Paulo na corte de Félix – juízo futuro nos dias do apóstolo – está em sessão agora. E a mensagem de Deus a ser proclamada “a toda nação, tribo, língua e povo”, em “alta voz”, é a seguinte: “Temam a Deus e glorifiquem-no, pois chegou a hora do Seu juízo” (Ap 14:6, 7). “O tribunal iniciou o julgamento, e os livros foram abertos” (Dn 7:10).

Félix temeu, mas nenhum dos filhos de Deus necessita temer. O antigo Dia da Expição em Israel terminava com esta declaração feita ao povo: “Vocês estarão puros de todos

os seus pecados” (Lv 16:30). No juízo descrito em Daniel 7, o Ancião de Dias “pronunciou a sentença a favor dos santos do Altíssimo” (v. 22); e em Apocalipse 19:9, os fiéis de Deus são “convidados para o banquete do casamento do Cordeiro!”

Simplificando, no contexto do santuário celestial, o juízo é a ação de Deus no sentido de responsabilizar os autores do mal e da injustiça neste planeta e no cosmos; limpar de Seu nome a mancha, calúnia e o estigma universal que lhe foram lançados por causa do pecado e da maldade no mundo, pelas maquinações de Satanás e seus anjos. Finalmente, para vindicar o nome e o povo de Deus.

O clamor por justiça se torna mais alto a cada dia que passa. Mas, com esse clamor, também aparece a crescente compreensão da insuficiência da justiça humana. Qual tribunal humano poderia julgar as bestas humanas que têm maquinado os horrores e massacres sangrentos através dos séculos? Alguns crimes cometidos são muito complexos e intrincados para ser esclarecidos pela justiça humana. E alguns dos criminosos são tão poderosos e bem conectados com tribunais humanos, o que dificulta a ação penal. É por isso que necessitamos de um juiz suficientemente grande para julgar o sistema, por mais bem estabelecido que seja, e grande o suficiente para enfrentar as mais arraigadas cidadelas do crime organizado, onde quer que elas estejam. Necessitamos de um juiz absolutamente acima de corrupção ou intimidação. Esse Juiz é Cristo, diante de cujo tribunal todos nós compareceremos (Rm 14:10; 2Co 5:10). ▀

### Referências:

<sup>1</sup> Roy Adams, *The Sanctuary: Understanding the Heart of Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1993).

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 125.

<sup>3</sup> Transcrito do programa *60 Minutos*, 16 de fevereiro de 1997, da rede CBS de TV, *Como Mandela tentou suavizar as feridas da guerra* (disponível no arquivo do autor).

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> [abcnews.go.com/Nightline/history?id=1&singlePage=true](http://abcnews.go.com/Nightline/history?id=1&singlePage=true); acessado em 17 de junho de 2014.



Pastor jubilado, ex-diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral dos Adventistas

# “Abriram-se os livros”

*A mensagem do juízo pré-advento a todos os que aceitam Cristo como Salvador pessoal*

“**E**nquanto eu olhava, tronos foram colocados, e um ancião se assentou. Sua veste era branca como a neve; o cabelo era branco como a lã. Seu trono era envolto em fogo, e as rodas do trono estavam em chamas. De diante dEle, saía um rio de fogo. Milhares de milhares O serviam; milhões e milhões estavam diante dEle. O tribunal iniciou o julgamento, e os livros foram abertos” (Dn 7:9, 10).

Os adventistas do sétimo dia não foram os primeiros, porém, atualmente, são os únicos a ensinar o juízo pré-advento. Na década de 1840, Josias Litch, teólogo metodista e um dos mais influentes líderes mileritas, ensinou que “o ato divino de ressuscitar alguns para a vida e outros para a morte na segunda vinda constitui um ‘julgamento executivo’ que será precedido por um inquérito judicial”.<sup>1</sup> Ele relacionou esse inquérito com a cena do juízo descrita em Daniel 7, sugerindo o ano 1798 para seu início, o fim dos 1.260 dias. Por volta de 1844, muitos mileritas acreditavam que esse julgamento já havia começado.

Outros estudiosos daquela época também concluíram que o juízo de Daniel 7 não representava o juízo final. Friedrich Dürsterwald, escri-

tor católico escreveu: “Sem dúvida, o profeta Daniel trata aqui do julgamento divino de poderes hostis. Esse julgamento termina com a condenação dos impérios mundiais e o triunfo da Causa de Deus. Portanto, o que está descrito aqui não é o julgamento divino na Terra, conforme interpretaram alguns teólogos antigos; ao contrário, o local desse julgamento prévio é o Céu. O contexto indica que é um julgamento preliminar, confirmado posteriormente no juízo final do mundo.”<sup>2</sup>

Thomas Robinson, estudioso protestante, estabeleceu o século 19 para o tempo do julgamento de Daniel 7. Ele acreditava que esse não era “o julgamento geral no fim da história terrestre, e sim um julgamento invisível realizado ‘atrás do véu’ e revelado em seus efeitos e na execução de sua sentença. Ocasionado pelas palavras blasfemas do chifre pequeno e continuado após a retirada de seu domínio, ele já está em andamento. Porém, sua sentença ainda não foi executada”.<sup>3</sup>

Esses comentaristas entenderam o julgamento de Daniel 7 como o julgamento do chifre pequeno, não o dos santos conforme entendido pelos adventistas.

### Conceito do juízo investigativo

Os críticos argumentam que o juízo pré-advento foi um artifício utilizado após o grande desapontamento de 1844.<sup>4</sup> No entanto, o conceito de uma investigação anterior ao pronunciamento de uma sentença judicial pode ser encontrado nas Escrituras. Desde o início do tratamento divino com os pecadores, um modelo judicial aparece em Gênesis 3. Primeiro a investigação: “Onde você está? Quem disse a você? Você comeu da árvore?” (Gn 3:9-13). Então, Deus anuncia o veredito (v. 14-19).

Situação similar ocorreu quando Deus tratou os casos de Caim (Gn 4:9, 10) e de Sodoma e Gomorra. Os capítulos 18 e 19 de Gênesis descrevem as investigações e deliberações divinas anteriores a Seu ato punitivo. Também é significativo o fato de o Novo Testamento destacar o julgamento de Sodoma e Gomorra como exemplo do julgamento final (1Pe 2:6; Jd 7).

Nos livros proféticos do Antigo Testamento, Israel ou as nações estão listadas perante o tribunal de Deus, uma investigação é feita, os fatos são apurados, testemunhas são chamadas e, finalmente, a sentença é pronunciada (Is 5:1-7; 43:8-13, 22-28).

A sequência sempre é a mesma: pecado, investigação e julgamento.<sup>5</sup>

O conceito de um juízo investigativo pré-advento também aparece no Novo Testamento. A parábola das bodas é um exemplo clássico. “Mas quando o rei entrou para ver os convidados, notou ali um homem que não estava usando veste nupcial” (Mt 22:11). A inspeção dos convidados representa o processo de investigação. O resultado determinou quem poderia ou não permanecer. Nesse sentido, a parábola retrata o juízo pré-advento que ocorre no Céu.

Outros exemplos são encontrados em João 5:28, 29 e Apocalipse 20:4-6. No evangelho de João são mencionadas uma ressurreição para a vida e uma para condenação. A maioria dos exegetas concorda que Apocalipse apresenta duas ressurreições literais, separadas por mil anos. Além disso, como somente os “bem-aventurados e santos” ressuscitarão na primeira ressurreição, um julgamento prévio precisa ocorrer para determinar quem fará parte dela. O teólogo luterano Joseph A. Seiss reconheceu isso: “A ressurreição e as transformações que ocorrem ‘num piscar de olhos’ para os vivos são frutos de um julgamento prévio. São consequências de sentenças outorgadas por um tribunal. Em suma, ninguém será ressuscitado ou trasladado para ir a julgamento. Ressurreições e trasladações são produtos de um julgamento já definido sobre os mortos e os vivos. ‘Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro’, porque antes já foram declarados justos em Cristo e os santos vivos serão arrebatados com eles nas nuvens, porque já foram julgados santos e dignos de pertencer àquele mundo.”<sup>6</sup>

Em Apocalipse 14, a colheita na Terra (v. 14-20) é precedida pela mensagem do primeiro anjo: “Temam a Deus e glorifiquem-No, pois chegou a hora do Seu juízo” (v. 7). A sequência dos eventos tratados nesse capítulo indica que o julgamento mencionado no verso 7 antecede a execução do julgamento na segunda vinda de Cristo (v. 14-20).<sup>7</sup>

## O juízo em Daniel 7

O capítulo 7 do livro de Daniel consiste essencialmente de uma visão, sua interpretação, a reação do profeta, prólogo (v. 1, 2) e epílogo (v. 28). A visão (v. 2-14) descreve quatro bestas, porém a ênfase está na quarta besta que tem dez chifres dos quais surge um chifre pequeno.

Esse chifre pequeno se torna o principal opositor do “Altíssimo” e dos santos, no restante do capítulo. Enquanto suas atividades continuam na Terra, a atenção de Daniel é dirigida para a cena de um julgamento celestial (v. 9-14) em que o chifre pequeno é condenado, os santos são vindicados, e o domínio, a glória e o reino são dados a “Um semelhante ao Filho do homem”.<sup>8</sup>

*“A ressurreição e as transformações que ocorrem ‘num piscar de olhos’ para os vivos são frutos de um julgamento prévio”*

### A hora do juízo

Em Daniel 7 há três passagens que se referem especificamente ao juízo: “O tribunal iniciou o julgamento, e os livros foram abertos” (v. 10); “até que o ancião veio e pronunciou a sentença a favor dos santos do Altíssimo” (v. 22); “Mas o tribunal o julgará” (v. 26).

No centro dessa visão está o chifre pequeno. Sete dos 28 versos se referem a ele. O contexto indica que o chifre pequeno é um poder religioso: “E será diferente dos primeiros” (Dn 7:24); “proferirá palavras contra o Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei” (v. 25).

Embora seja um poder religioso, desviou-se da verdade de Deus e é o cumprimento histórico da tendência humana pecaminosa de se afastar dEle. Paulo profetizou a respeito do abandono da fé: “Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não poupa-

rão o rebanho. E entre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos” (At 20:29, 30).

Já no primeiro século, a igreja cristã enfrentou alguns desses “lobos”. No quarto século, quando a igreja se tornou estatal, uma rápida apostasia se desenvolveu. Práticas pagãs, como a guarda do domingo, foram aceitas, e a partir do sexto século a igreja se tornou o chifre pequeno da profecia. Do sexto século até a parte final do século 18, durante mais de doze séculos (1.260 anos), a igreja dominou a vida e o pensamento das pessoas. Nenhum outro poder ao longo da História, exceto o papado, encaixa-se na descrição do chifre pequeno do livro de Daniel. “E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues nas suas mãos por um tempo, e tempos, e metade de um tempo. Mas o juízo se estabelecerá, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim” (Dn 7:25, 26).

Assim, Daniel 2 apresenta um quadro geral; Daniel 7 provê mais detalhes com a introdução do chifre pequeno. Sendo que os reinos estão em sequência, o juízo mencionado nos versos 9, 10, 22, 26 deve seguir o período do chifre pequeno, o qual sempre aparece em textos anteriores às cenas do juízo (v. 18, 21, 25):

Daniel 7:8 – chifre pequeno; Daniel 7:9, 10 – julgamento; Daniel 7:21 – chifre pequeno; Daniel 7:22 – julgamento; Daniel 7:25 – chifre pequeno; Daniel 7:26 – julgamento.

Os reinos terrestres são apresentados numa sequência histórica, então, o juízo também faz parte dessa sequência.

### Quem está sendo julgado

Durante o julgamento, livros são abertos e verificados (v. 10). O Antigo Testamento se refere ao “livro da vida” (Sl 69:28), “livro da memória” (Ml 3:16) e livro “de Deus” (Êx 32:32; Sl 56:8). O mesmo ocorre na antiga literatura judaica e no Novo

Testamento (1 Enoque 47:3; Fp 4:3; Ap 3:5; 20:12; 21:27). A pergunta é: Quem está sendo julgado por meio desses livros? Pelo contexto, chegamos à seguinte conclusão:

1) *O povo de Deus*. Uma sentença é dada “a favor dos santos do Altíssimo” (Dn 7:22). Portanto, esses, de alguma forma são o motivo do julgamento. Oficialmente, essa interpretação não é aceita fora do círculo adventista. Pelo fato de a maioria dos cristãos crer na imortalidade da alma, eles acreditam que o futuro das pessoas é decidido no momento em que elas morrem. Assim, um juízo pré-advento, no qual uma sentença final é proferida determinando se quem morreu está salvo ou não está, não faz o menor sentido para eles, porque entendem que o morto já está Céu ou no inferno (ou, para os católicos, no purgatório). No entanto, mesmo que a maioria dos cristãos não acredite num juízo pré-advento, o contexto de Daniel 7 exige isso.

2) *O chifre pequeno*. Ele aparece repetidamente nas cenas do julgamento (v. 8, 11). “A evidência contextual sugere que os santos e o chifre pequeno compartilham igualmente do veredito do juízo pré-advento.”<sup>9</sup> Os santos recebem o reino (v. 27) e o chifre pequeno perde seu domínio. A vindicação dos santos (v. 22) implica na condenação do chifre pequeno.

### Propósito do juízo

O juízo pré-advento é o primeiro dos quatro juízos cósmicos das Escrituras:

1) Juízo pré-advento ou investigativo, de 1844 até a segunda vinda de Cristo.

2) Juízo executivo, na segunda vinda de Cristo (Mt 25).

3) Juízo investigativo dos ímpios, durante o milênio (Ap 20:4-6).

4) Juízo executivo, após o milênio, diante do grande trono branco (Ap 20:11-15).

Os diferentes cenários desses juízos podem ser considerados diferentes fases do juízo final de Deus. Na última fase, o plano de salvação

chega ao fim. Cada uma das fases tem seu enfoque particular:

1) Juízo pré-advento – Deus mostra porque os justos são salvos.

2) Primeiro juízo executivo – os justos mortos e os santos vivos são salvos.

3) Juízo durante o milênio – Deus mostra porque os ímpios estão perdidos.

4) Segundo juízo executivo – Satanás e os ímpios são destruídos.

O propósito principal do juízo investigativo pré-advento é a confirmação final da salvação e vindicação do povo de Deus (Dn 7:22). “Ao longo dos tempos alguns desses santos foram julgados culpados por vários crimes nos tribunais terrestres quando, na verdade, estavam servindo a Deus e ao homem fielmente. No juízo pré-advento essas sentenças injustas dos tribunais terrestres serão revertidas pelas cortes celestiais. Desse modo, Deus vindicará Seus santos.”<sup>10</sup>

Além da vindicação dos santos e da condenação do chifre pequeno, o juízo investigativo pré-advento também vindica a justiça de Deus em Seus atos a favor da humanidade. Quando os seres não caídos do Universo examinarem os registros dos santos, eles concluirão que Deus foi justo e misericordioso em cada caso. Dessa maneira, o caráter de Deus, que tem sido o centro do grande conflito entre Cristo e Satanás, será vindicado.<sup>11</sup>

### O que ocorre no juízo pré-advento

Uma ideia do que acontece nesse juízo pode ser obtida a partir de uma cena retratada pelo profeta Zacarias. A cena se passa nas cortes celestiais: “Depois disso ele me mostrou o sumo sacerdote Josué diante do anjo do Senhor, e Satanás, à sua direita, para acusá-lo. O anjo do Senhor disse a Satanás: ‘O Senhor o repreenda, Satanás! O Senhor que escolheu Jerusalém o repreenda! Este homem não parece um tição tirado do fogo?’ Ora, Josué, vestido de roupas impuras, estava em pé diante do anjo. O anjo disse aos que estavam diante dele:

‘Tirem as roupas impuras dele’. Depois disse a Josué: ‘Veja, Eu tirei de você o seu pecado, e coloquei vestes nobres sobre você’. Disse também: ‘Coloquem um turbante limpo em sua cabeça’. Colocaram o turbante nele e o vestiram, enquanto o anjo do Senhor observava” (Zc 3:1-5).

Tente imaginar o que agora ocorre no juízo pré-advento. Satanás está diante do trono celestial e faz sua acusação. “O irmão X é um grande pecador; Tu não podes aceitá-lo.” Então, mostra a Jesus uma longa lista dos pecados desse irmão. Jesus responde: “Sei que ele é um grande pecador, mas Eu o perdoei. Risquei seus pecados. Morri por ele. Dei-lhe novas vestes.” Assim, a sentença é dada a favor do irmão X.

Isso Jesus faz por todos os que colocam a confiança nEle, todos os que O aceitam como Salvador pessoal. Se já O aceitamos, então o juízo é uma boa notícia para nós, porque “agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito” (Rm 8:1). ▀

### Referências:

- <sup>1</sup> Josias Litch, *Prophetic Expositions* (Boston, MA: Josha V. Himes, 1842), v. 1, p. 49.
- <sup>2</sup> Friedrich Dusterwald, *Die Welteiche um das Gottesreich* (Friburgo: Herdersche Verlagsbuchhandlung, 1890), p. 177.
- <sup>3</sup> Thomas Robinson, *Daniel, Homiletical Commentary* (Nova York: Funk and Wagnalls, 1892), v. 19, p. 139.
- <sup>4</sup> Walter Martin, *The Kingdom of the Cults* (Minneapolis, MN: Bethany House, 1985), p. 479.
- <sup>5</sup> Ver William H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 1-29.
- <sup>6</sup> Joseph A. Seiss, *The Apocalypse* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1973), p. 136.
- <sup>7</sup> Ver Samuel Bacchiocchi, *Adventists Affirm* (1994), p. 37-44.
- <sup>8</sup> Ver Arthur J. Ferch, *The Son of Man in Daniel Seven* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1979), v. 7.
- <sup>9</sup> Norman Gullett, *Christ is Coming!* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998), p. 413.
- <sup>10</sup> William H. Shea, *70 Weeks, Leviticus, Nature of Prophecy* (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986), p. 328.
- <sup>11</sup> A Associação Geral designou uma comissão especial entre 1982-1992 para estudar o assunto do juízo pré-advento e a interpretação das profecias apocalípticas. O Comitê *Daniel e Apocalipse*, como ficou conhecido, estudou esses temas durante dez anos e produziu sete livros que tratam das questões levantadas pelos críticos.



Professor de Teologia na  
Universidade Adventista  
do Sul, Tennessee, Estados  
Unidos

# O evangelho em dois tempos

*Por que as duas fases do ministério de Cristo são indispensáveis à redenção do ser humano*

Deus revelou o santuário a Moisés, no Monte Sinai (Êx 25:9, 40; 26:30; 27:8; Nm 8:4). De acordo com Frank Holbrook, nessas cinco referências, o verbo “ver” [hebraico, *ra’ah*] tem significado causativo, ou seja, “levou, compeliu, induziu a ver”<sup>1</sup> “O candelabro foi feito de ouro batido, do pedestal às flores, conforme o modelo [*mar’eh*] que o Senhor [*Yahweh*] tinha mostrado a Moisés” (Nm 8:4). Conforme veremos, esse significado causativo é muito importante.<sup>2</sup> Deus disse a Moisés: “Tenha o cuidado de fazê-lo segundo o modelo [*tabnît*] que lhe foi mostrado no monte” (Êx 25:40). A palavra hebraica *tabnît* tem uma variação semântica para *tipo*, e poderia indicar projetos (modelos) do arquiteto ou um modelo (tipo) em miniatura. À primeira vista, isso poderia significar que Deus apresen-

tou a Moisés ou desenhos arquitetônicos, ou modelo de uma estrutura.

Uma coisa é certa: assim como os mandamentos não foram simplesmente falados, mas escritos em tábuas de pedra com o próprio dedo de Deus (Êx 24:12); Dt 10:1-4), as instruções do santuário não foram dadas apenas verbalmente, mas foram apresentadas a Moisés como projetos ou modelo em miniatura. Lucas relata que o santuário “foi feito segundo a ordem de Deus a Moisés, de acordo com o modelo que ele tinha visto” (At 7:44). Siegfried Wagner nota que “*Yawehe* mostrou a Moisés o modelo do santo tabernáculo divino e todos os seus acessórios (Êx 25:9, 40). Aqui, *tabbnith* significa ‘modelo’,<sup>3</sup> um ‘modelo tridimensional’ (Sl 106:20).<sup>4</sup>

A palavra hebraica *tabnît* (“modelo”; Êx 25:40) é traduzida na

Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) pela palavra *tupon*, significando “tipo”. F. F. Bruce comenta sobre isso dizendo: “A implicação é que a Moisés foi mostrada alguma coisa como um modelo representativo do santuário que devia ser erguido.”<sup>5</sup> William Lane concorda: “Moisés viu algum tipo de ‘modelo’ que podia ser reproduzido na Terra.”<sup>6</sup> Richard Davidson aponta que, se Deus tivesse dado um conjunto de projetos a Moisés, poderíamos esperar que ele os trouxesse da montanha como um guia para os construtores. Mas, a Bíblia diz que ele desceu apenas com duas tábuas nas quais estava gravado o que Deus havia escrito (Êx 32:15, 16).<sup>7</sup> Isso exclui a possibilidade de que ele tivesse descido com um modelo em miniatura.

Vejam o significado da frase “ser levado a ver”, mencionada



anteriormente. A respeito disso, Davison afirma: “Parece mais em consonância com o contexto, que a Moisés foi dada uma visão com uma mostra de algo construído, relatando em realidade vívida como o santuário iria ser.”<sup>8</sup> Moisés foi arrebatado em uma visão que era claramente tridimensional com especificações cuidadosas.

### Lugares santo e santíssimo

O santuário tinha um Lugar Santo e um Lugar Santíssimo (Êx 26:33). É interessante notar que os templos de Salomão e Ezequiel tinham especificações diferentes.<sup>9</sup> Embora o tamanho desses templos fosse maior que o tabernáculo,<sup>10</sup> cada um deles tinha os mesmos lugares santo e santíssimo: o compartimento externo, ou salão principal, e o interno (1Rs 6:29; Ez 41:1-4). Esse plano dos dois compartimentos é condizente nessas três estruturas, e é a parte mais importante das especificações dadas por Deus a Moisés, Davi e Ezequiel, porque os dois compartimentos eram lugares em que ocorria o ministério sacerdotal, depois que os sacrifícios eram feitos.

O livro aos hebreus fala do tabernáculo original no Céu (Hb 8:1-5), e indica que, depois de Cristo haver realizado Seu sacrifício no Calvário, entrou no santuário celestial (Hb 1:2), a fim de iniciar um ministério em duas fases. Os dois lugares santos<sup>11</sup> têm tudo que ver com as duas fases do ministério de Cristo no santuário do Céu – redimir (primeira e segunda fases) e restaurar (segunda fase). O ministério celestial de Cristo redime os seres humanos e restaura o Universo à sua condição anterior ao conflito cósmico.

### Ministério diário

Repetidamente, o Novo Testamento afirma que, depois de Sua ascensão, Cristo foi ao Pai e sentou-Se à direita deste no trono (Mc 16:19; At 2:34; 5:31; Rm 8:34; Ef 1:20; Cl 3:1; Hb 1:3, 13; 8:1; 10:12; 12:2; 1Pe 3:22). Muitos cristãos falham em compreender a importância das

duas fases do ministério de Cristo no santuário celestial. O santuário é o dispositivo de ensino mais longamente usado nas Escrituras e revela a missão de Cristo na era cristã.

No famoso ensino de Cristo a respeito da era cristã e do fim do tempo (Mt 24:25), Ele chamou a atenção de Seus ouvintes para a profecia sobre “o abominável da desolação” do qual falou Daniel, “no lugar santo” (Mt 24:25). Cristo Se referiu a dois diferentes ataques do inimigo: primeiro, a Seu templo terrestre (Dn 9:27), então, a Seu santuário celestial (Dn 11:31; 12:11). O primeiro ataque foi a invasão pelo exército romano, sob as ordens de Tito, em 70 a.D., para destruir o templo de Jerusalém. O segundo é a substituição do ministério de Cristo no santuário celestial pelo ministério sacerdotal católico romano na Terra. Neste segmento, consideramos o ministério diário de Cristo e, no próximo segmento, veremos Seu ministério anual.

“Deus não nos pede que nos preocupemos com nossa perfeição, mas com a perfeição dEle”

Disse Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por Mim” (Jo 14:6). Nas Escrituras não há lugar para a intercessão de Maria nem dos santos. É por isso que o livro aos hebreus, como um quinto evangelho, fala tanto sobre o ministério de intercessão de Cristo, depois da ascensão, no Céu. Nem Maria nem os santos são mencionados. O pré-requisito para a intercessão de Cristo no Céu é Sua morte. “Ele entrou no Santo dos Santos, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção” (*ta hagia*; Hb 9:12; cf. 7:27). Não há intercessores humanos qualificados.

Diferentemente dos sacerdotes humanos, “Jesus tem um sacerdócio permanente. Portanto, Ele é capaz

de salvar definitivamente aqueles que, por meio dEle, aproximam-se de Deus, pois vive sempre para interceder por eles. É de um sumo sacerdote como este que precisávamos: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus” (Hb 7:24-26). Ele prometeu: “O que vocês pedirem em Meu nome, Eu farei” (Jo 14:14). E Paulo afirmou: “O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus” (Fp 4:19).

Daniel profetizou a respeito do ataque à intercessão celestial de Cristo. Os inimigos “se levantarão para profanar a fortaleza e o templo, e acabarão com o sacrifício diário” (Dn 11:31). A palavra “sacrifício” não existe no texto original. Somente a palavra “diário” (*tamid*) está no original (ver também Dn 8:11; 12:11). A palavra “diário” (contínuo) envolve tudo o que Cristo faz cada dia no santuário celestial, desde Sua investidura como Sacerdote-Rei (Hb 1:3-13; Ap 5: 1-14) até o fechamento futuro da porta da graça (Dn 12:1; Ap 21:6). O chifre pequeno que surgiu é o sacerdócio católico romano (Dn 7:8), que “suprimiu o sacrifício diário” (*tamid*; ministério diário de Cristo), de modo que “o lugar do santuário foi destruído... e a verdade foi lançada por terra” (Dn 8:11, 12).

Cristo estava preocupado em relação a Seu ministério diário, contínuo, no santuário celestial, em favor de Seus seguidores, porque isso foi substituído pela teologia e sacerdócio romanos (Maria e os santos). Por isso, Ele deseja que os cristãos estudem o livro de Daniel, a fim de que conheçam essa contrafação ao plano de salvação, que se coloca entre Cristo e os pecadores – que necessitam apenas de Cristo.

### Ministério anual

O Dia da Expição (*Yom Kippur*) era um dia de juízo, perto do fim do ano judaico. O antítipo desse dia é anunciado pela primeira mensagem angélica: Temam a Deus e glorifiquem-nO,

pois chegou a hora do Seu juízo” (Ap 14:7). Isso dirige a atenção para o santuário celestial, portanto, longe da contrafação feita na Terra. Deus não necessita do juízo, porque Ele é onisciente (Sl 33:13; 15; 56:8; 104:24; 139:2, 6; 147:5; Is 44:28; 46:9, 10; Ml 3:16; Mt 10:29, 30; At 15:8; Rm 11:33; Ef 3:10). “O Senhor conhece quem Lhe pertence” (2Tm 2:19).

Então, qual é a razão do juízo pré-advento? Não haveria necessidade desse juízo, se não houvesse o conflito cósmico que questiona Deus. Satanás e seus anjos foram expulsos do Céu, por causa da rebelião deles (Ap 12:7-9). Assim, como podem os pecadores do planeta Terra ser admitidos no Céu, por ocasião do segundo advento? Acaso, isso é imparcial? Por que outros pecadores não serão admitidos? Uma avaliação dos seres humanos é necessária, para que os seres criados no Universo possam ser satisfeitos em sua expectativa no sentido de que Deus é imparcial em Sua decisão sobre quem entrar no Céu e quem não entrar.

Daniel 7 apresenta uma cena de tribunal no santuário celestial: “O tribunal iniciou o julgamento, e os livros foram abertos” (v. 10). Note que uma investigação terá lugar antes do segundo advento. Quando o veredicto for confirmado, o Filho do homem virá nas nuvens do céu. Antes do julgamento, Ele não virá à Terra (1Ts 4:16-18), porém vai ao Ancião de Dias no Céu (Dn 7:13, 14). Consequentemente, o juízo e o veredicto ocorrem antes da segunda vinda.

A sentença será anunciada no contexto de uma guerra sendo travada “[O chifre pequeno] falará contra o Altíssimo, oprimirá os Seus santos e tentará mudar os tempos e as leis. Os santos serão entregues nas mãos dele por um tempo, tempos e meio tempo [1.260 anos, 538 a.D.-1798 a.D.]. Mas o tribunal o julgará, e o seu poder lhe será tirado e totalmente destruído, para sempre. Então a soberania, o poder e a grandeza dos reinos que há debaixo de todo o céu serão entregues nas mãos dos santos,

o povo do Altíssimo” (Dn 7:25-27). A sentença do tribunal precede a vinda do reino de Cristo (Ap 11:15; 19:1-3).

O chifre pequeno guerreou contra o povo de Deus durante 1.260 anos (Ap 12:14), período em que a Igreja Católica empreendeu grande perseguição contra aqueles que proclamavam o evangelho. A Inquisição e a colocação da Bíblia no *Index Librorum Prohibitorum* [Índice de Livros Proibidos] revelam a missão desse sistema religioso.

“O ministério celestial de Cristo redime os seres humanos e restaura o Universo à sua condição anterior ao conflito cósmico”

### Processo de julgamento

Alguns cristãos temem o juízo presente, pois olham para eles mesmos, em vez de olharem a Cristo. Em certo sentido, olhar para si mesmo, em vez de olhar para Cristo não é melhor do que olhar para um ministério sacerdotal terrestre em vez de olhar para o ministério sacerdotal de Cristo no Céu. Durante o processo do juízo pré-advento, os seres inteligentes no Universo veem se as pessoas julgadas aceitam ou rejeitam a obra de salvação que Jesus realizou em favor delas na cruz.

É precisamente isso, e nada mais, que determina o destino pessoal de alguém. Deus não nos pede que nos preocupemos com nossa própria perfeição, mas com a perfeição dEle. É do Seu traje de justiça que necessitamos. Assim, o juízo pré-advento está centralizado em Cristo; não no ser humano. Não é tanto o que os seres humanos têm feito ou não que é decisivo (Ec 12:14; Mt 12:36, 37), embora isso esteja incluído no processo. A questão é se eles têm aceitado ou rejeitado o que Cristo fez em favor deles quando foi julgado em seu lugar na cruz (Jo 12:31). Aqueles que

se apegam a Cristo irão para o Céu; aqueles que não o fazem não irão. Por meio disso, Deus está mostrando ser amoroso e justo, permitindo que a liberdade humana de escolha seja decisiva. Por isso, o julgamento é pré-advento, para que os espectadores do Universo possam ver que o destino humano é imparcial, antes de alguns serem levados para o Céu, e outros não, por ocasião da segunda vinda (1Ts 4:16-18).

O Dia de Expição continua além do juízo pré-advento, até os juízos do milênio e pós-milênio. Nessas três etapas do juízo, todos os seres humanos, caídos e não caídos, veem que Deus é justo e se curvarão diante dEle (Is 45:23; Rm 14:11; Fp 2:10, 11: 15:3; 19:1-6). As duas fases do ministério de Cristo são igualmente evangelho, porque não há redenção sem que o conflito seja resolvido. ■

### Referências:

- <sup>1</sup> Frank Holbrook, *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical and Theological Studies* (Washington D.C.: Review and Herald, 1981), p. 4.
- <sup>2</sup> A palavra hebraica *mar'eh* é derivada da palavra *ra'á* (ver). Ela tem ampla extensão semântica que inclui vista, visão, aparência, fisionomia e beleza. Ver, por exemplo, Robert D. Culver, *Theological Wordbook of the Old Testament* (Chicago, IL: Moody Press, 1980), v. 2, p. 824.
- <sup>3</sup> Sigfried Wagner, *Theological Dictionary of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975), v. 2, p. 179.
- <sup>4</sup> Frank Holbrook, *Op. Cit.*, p. 4.
- <sup>5</sup> F. F. Bruce, *The New International Commentary on the New Testament: Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), n. 27, p. 184.
- <sup>6</sup> William L. Lane, *Word Biblical Commentary: Hebrews 1-8* (Nashville: Thomas Nelson, 1991), v. 47A, p. 207.
- <sup>7</sup> Richard M. Davidson, *Typology in Scripture: A Study of Hermeneutical Structures* (Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 1981), p. 376.
- <sup>8</sup> *Ibid.*
- <sup>9</sup> Na construção do templo de Salomão, Deus novamente deu cuidadosas especificações (1Cr 28:11, 12, 19; ver os versos 13-18 para outras especificações). A palavra hebraica *tabnit* é usada para o santuário e o templo. A visão de um templo nunca construído, dada a Ezequiel, também continha grandes especificações (Ez 40:1-42:20).
- <sup>10</sup> Os templos de Salomão e Ezequiel tinham compartimentos adicionais, mas não juntos ao templo central (1Rs 6:2-5; Ez 40, 41).
- <sup>11</sup> “O lugar santo” (Hb 9:2) e o santíssimo (Hb 9:3) são *hagia*. “lugares santos”; não “lugar santíssimo, conforme erroneamente traduzido na Nova Versão Internacional de Hebrews 9:12.



# A inauguração do santuário



## Análise dos símbolos apresentados em Êxodo 30 e Apocalipse 4

**A** evidência de um santuário celestial no livro do Apocalipse é uma continuação histórico-profética do drama entre o bem e o mal, descrito pelo profeta Daniel 600 anos antes que o apóstolo escrevesse seu livro na ilha de Patmos. Nos oráculos do apóstolo, encontravam-se várias cenas relacionadas ao tema do santuário e ao trono de Deus no Céu, assuntos presentes nas igrejas de Filadéfica e Laodiceia (Ap 3:12, 21). Da mesma forma, parte do mobiliário do santuário do Antigo Testamento aparece em algumas cenas celestiais: um cordeiro imolado (5:6), um altar, incenso e um incensário de ouro (8:3,

4, 5), a abertura do templo de Deus no Céu e a visão da arca da aliança (11:19). A arca está intimamente ligada ao estudo do grande Dia de Expição, e à pregação da tríplice mensagem angélica (Ap 14).

Junto às passagens prévias do Apocalipse, que implicam a presença de um santuário celestial, a unção do próprio santuário possibilita uma proposta teológica conhecida como a inauguração do santuário no Céu e a funcionalidade do trono de Deus, mostrada no capítulo 4. Neste artigo, será brevemente analisada uma tipologia entre a unção e a dedicação do tabernáculo do deserto (Êxodo 30) com a visão do capítulo 4 de Apocalipse.

### Elementos prévios à postura tipológica

É evidente que João colocou no livro de Apocalipse certa quantidade de material proveniente de Daniel, inclusive o tema santuário. Alguns autores encontram uma dependência nas ocorrências simbólicas do Apocalipse, procedentes do Antigo Testamento, que somam cerca de 31 símbolos.<sup>1</sup> Também é observado que João pareceu usar várias estruturas literárias do livro de Ezequiel, incluindo as semelhanças e diferenças na descrição do trono de Deus.<sup>2</sup> Por causa da complexidade do conteúdo nas visões e profecias do Apocalipse, considera-se adequada

a decisão literária de João, ao ordenar o livro de maneira temática e não cronológica. Ele escreveu suas mensagens para as gerações futuras, animando-as a esperar e proclamar a vinda de Jesus. Nesse processo de espera, o profeta dá a conhecer os eventos que a precederiam. Apesar disso, em sua obra, o exilado vidente incorporou a audiência original de seu tempo, constituída por milhares de cristãos espalhados no Império Romano do primeiro século.

O imperador Domiciano<sup>3</sup> decidiu se declarar deus e ser adorado como *kúrios* (senhor). Ele chegou a ser *kúrios* porque era César. Mediante a faculdade político-religiosa esse imperador teve a “facilidade” de impor adoração a ele.<sup>4</sup> Para fortalecer essa ideia, construiu em seu palácio do Monte Palatino um trono com diversas técnicas de arquitetura e escultura, para desse modo evocar a imagem de um trono localizado no Céu, onde seus súditos o adoravam como se fosse deus.<sup>5</sup> O preterismo justifica o cumprimento das profecias apocalípticas como tendo lugar durante o século 1 d. C., entre outras coisas, argumentando que o selamento do capítulo 7 ocorreu quando os cristãos conseguiram fugir ilesos do cerco a Jerusalém, no ano 66, depois da retirada de Cestio Galo e suas legiões.<sup>6</sup>

Para quem estuda as profecias dentro do método histórico-profético de interpretação bíblica, crendo que Deus dirige a história das nações, os eventos proféticos do Apocalipse não são confinados meramente a um passado sem valor atual, mas se desenvolvem em uma continuidade histórica que atravessa os séculos até à consumação escatológica na segunda vinda de Cristo. Para os judeus-cristãos do século 1 d.C., que viram ou presenciaram a destruição do templo de Jerusalém pelas mãos do poder romano, o ensino bíblico de um santuário no Céu, contido no livro aos hebreus e, posteriormente, no Apocalipse, encheria a vida deles de esperança, ao saberem que o verdadeiro *Kúrios*-Jesus ministrava

no santuário celestial. Por sua vez, Apocalipse 4 focaliza a adoração ao verdadeiro Deus que está sentado no trono celestial, tema de vital importância na profecia. Antes de analisarmos a inauguração do santuário celestial e a função da arca da aliança em Apocalipse 4, é útil definirmos o termo tipologia.

### Tipologia na literatura apocalíptica

Em forma geral, o termo “tipologia” pode ser visto como um ramo da hermenêutica que maneja uma realidade teológica confinada geograficamente, nesse caso, no Antigo Testamento, e de cuja realidade específica do passado são extraídas funções teológicas aplicáveis a cenas proféticas que têm um desenvolvimento universal e relacionado ao grande conflito entre o bem e o mal. Uma característica importante da metodologia tipológica é que o “tipo”, ou seja, a figura, contém pontos bíblicos que respeitem o contexto da Bíblia na execução da figura em sua aplicação universal.<sup>7</sup>

Tendo em mente essa definição, a cerimônia de unção inaugural do santuário do deserto, feita por Moisés e exibida em Êxodo 30 (a partir do verso 26), teria uso tipológico em Apocalipse 4. A unção e a inauguração do tabernáculo do deserto para iniciar seu serviço cerimonial seria uma tipologia do evento da unção inaugural do santuário celestial realizado por Jesus Cristo. Uma observação deve ser mantida no uso da tipologia: a função tipológica também tem seus limites quanto aos participantes e as ações deles nas cenas proféticas. Isso é compreensível, pois a tipologia designa como base uma pessoa ou evento limitado por tempo e espaço definidos. A cena celestial de Apocalipse 4 transcende essas limitações de tempo, espaço e linguagem. Comentando esse aspecto, Ellen G. White mencionou que os atores celestiais têm aparência diferente dos seres e movimentos que representam.<sup>8</sup>

### Unção e Cristo

A palavra “unção” provém da raiz *mashach*, que significa untar, ungir.<sup>9</sup> Esse vocábulo aparece quando Moisés utilizou uma fórmula ou perfume oleoso que só podia ser aplicado na ocasião indicada por Deus (Êx 30:22-26). *Mashash* era empregada em diferentes funções: ungir sacerdotes antes do início de seu ministério (Nm 3:3), ungir os móveis do santuário na ocasião de sua inauguração: a fonte, a mesa dos pães da proposição, o altar, a arca da aliança (Êx 30:25-33; Lv 8:10), na unção de reis (1Sm 10:1; 16:12, 13). A evidência bíblica depreendida de 1 Samuel 16:13, 14 propõe que o óleo é um símbolo da presença e ação do Espírito Santo. *Mashash* identifica-se intimamente com outra palavra hebraica que é *mashiachj*, “Messias ungido”. Esse vocábulo identifica o ministério do Messias, Jesus, na profecia da última semana de Daniel 9.

No Novo Testamento, o verbo grego equivalente a *mashash* é *jrio*, que em Atos 10:38 significa ungir.<sup>10</sup> Desse termo se origina o título *Jristos*, ou “Cristo”. No evangelho de Mateus, a unção de Cristo por ocasião de Seu batismo, o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma de pomba (Mt 3:13-16) para assinalar o cumprimento da profecia de Daniel 9, ou seja, quando o Messias iniciaria Seu trabalho em Israel. Essa unção do Espírito na vida de Cristo também é citada por Lucas, em Atos 10:38. Ali, é dito que “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo”, a fim de realizar Seu trabalho em favor dos pecadores.

Essas alusões prévias à palavra “ungir” permitem sugerir o óleo da unção na inauguração do tabernáculo terrestre como símbolo do Espírito Santo. Quando a construção do santuário terrestre foi concluída, Moisés ungiu o tabernáculo com óleo santo, inaugurando assim seu serviço cerimonial. Com o ato da unção mosaica aplicada ao santuário do deserto, foi iniciado o ministério diário do sacerdócio levítico e aarônico. Esse acontecimento inaugural

dos serviços do tabernáculo terrestre estaria tipificando a inauguração do ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial, bem como também seria evidenciado pela descida do Espírito Santo sobre a nascente igreja cristã.

*“A retidão e a justiça  
são os alicerces do  
Teu trono; o amor e  
a fidelidade vão à  
Tua frente”*

### A unção e o santuário celestial

Nessa postura, o que ocorreu segundo Êxodo 30:26 em diante indicaria uma tipologia explicada em Apocalipse 4. Em Sua ascensão, depois de haver ressuscitado, Cristo Se apresentou, não ante uma arca de madeira de acácia contendo dois querubins com asas entrecruzadas de um extremo a outro, mas entrou no lugar santíssimo, diante do trono de Deus o Pai (AP 4:2-11). Nessa perspectiva cênica, Apocalipse 4 e a primeira parte do capítulo 5 formam parte da alusão ao trono. Ali, Cristo é identificado de maneira simbólica com um cordeiro imolado. É interessante notar que, nessa visão, o Espírito Santo é descrito em uma metáfora funcional numérica com sendo os “sete espíritos de Deus” vistos como “lâmpadas de fogo” (v. 5).

Nesse modelo tipológico, a unção do santuário celestial e o ministério sumo sacerdotal de Cristo no Céu, estariam em evidência mediante a unção ou derramamento do Espírito Santo na vida de Seus seguidores na Terra (Lc 3:16; At 2:1-4). Da mesma forma que Moisés entrou no lugar santíssimo e dedicou a arca da aliança, o Filho de Deus Se apresentou diante do trono do Pai. Ali, Jesus explicou ao Universo que ainda não podia receber a coroa do reinado universal, porque primeiro deveria in-

terceder pela humanidade.<sup>11</sup> Depois dessa cena, o Deus-Homem Jesus Se voltaria ao lugar santo para iniciar Seu ministério diário até o ano de 1844, quando entrou no lugar santíssimo para iniciar a última parte de Seu sacerdócio em favor da igreja e dos pecadores.

### O trono e o grande conflito

O termo “trono” aparece onze vezes em Apocalipse 4. É viável encontrar uma relação de funcionalidade tipológica entre o trono de Deus e a arca do concerto, mediante termos como justiça, juízo e misericórdia. A arca do concerto continha dois elementos indissolúveis que ilustravam o caráter da Deidade: (1) o propiciatório e (2) o decálogo. O primeiro indicava o lugar sobre o qual o sacerdote aspergia o sangue do animal sacrificado. A tradução literal da *New King James Version* para o termo “propiciatório” é “mercy seat”, ou seja, “assento de misericórdia”.

O segundo objeto que tem que ver com o caráter da Deidade é o decálogo, que se encontrava dentro do móvel da arca e sob o propiciatório (Êx 40:20-22). O propiciatório e o decálogo interagem intimamente com os termos misericórdia, juízo e justiça, inferidos no cerimonial do Dia da Expição de Levítico 16. Esses substantivos igualmente se acham escritos no Antigo Testamento, como presentes no trono de Deus no Céu. Disse o salmista: “A retidão e a justiça são os alicerces do Teu trono; o amor e a fidelidade vão à Tua frente” (Sl 89:14). Os termos anteriores provenientes dos Salmos indicam uma correspondência de atividade tanto na arca do concerto como no trono de Deus no Céu.

Por sua vez, o conceito do trono de Deus é observado no livro do profeta Isaías, em que o tema do grande conflito é exposto, quando o inimigo de Deus fala de suas pretensões: “Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia,

no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo” (Is 14:13, 14).

### A promessa

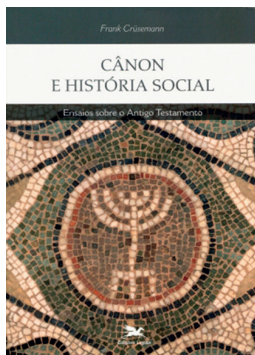
O derramamento do óleo na ocasião da unção do santuário terrestre tipifica, nesse caso, o começo do ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial. Naquela ocasião, o óleo da unção também apontou para a descida do Espírito Santo, que capacitou a igreja com poder para o testemunho pessoal e a atividade missionária. Tal unção não foi exclusiva para esse período histórico. A promessa do Espírito Santo, feita em João 14:26; 16:8-11, 13, por exemplo, é igualmente anunciada para os cristãos dos dias atuais. É nosso privilégio buscar diariamente o cumprimento dessa promessa.

À medida que estudamos o ministério sumo-sacerdotal de Cristo e entendemos que Sua permanência no lugar santíssimo chegará ao fim, é necessário e reconfortante lembrar sempre de que “Miguel, o grande Príncipe... está ao lado dos filhos de Teu povo”. ❧

### Referências:

- <sup>1</sup> J. H. Mulholland, “Tese doutoral defendida no Seminário Teológico de Dallas”, 1959, v. 2, p. 376-379.
- <sup>2</sup> Ian Boxall, *Tue Revelation of Saint John* (Peabody: Henrickson, 2006); Beate Kowalski, *Die Rezeption des Propheten Ezechiel in der Offenbarung des Johannes* (Stuttgart: Atholisches Biblewerk, 2004).
- <sup>3</sup> J. R. Harrison, *Paul and the Imperial Gospel at Tesseliniki* (JSNT, 2002), p. 25.
- <sup>4</sup> Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament*, 1965, p. 1056.
- <sup>5</sup> Diana E. E. Kleiner, *Takes a City: Foundation of Urbanism in Italy* (Palatine Hill. Lecture 13. Yale Online Courses: Spring, 2009).
- <sup>6</sup> R. Thomas & K. Barker, *Revelation 1-7: An Exegetical Commentary* (Chicago, IL: Moody, 1992), p. 465.
- <sup>7</sup> O. L. Johnson, *Bible Typology* (Prestonsburg: Reformation Publishers, 2000); Richard M. Davidson, *Typology in Scripture: A Study of Hermeneutics Typos* (Berrien Springs: Andrews University Press, 1981).
- <sup>8</sup> Ellen G. White, *Manuscrito 4*, 1883.
- <sup>9</sup> Bottler G. Johnson, *Theological Dictionary of the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003).
- <sup>10</sup> Gerhard Kittel, *Op. Cit.*, v. 9, p. 483-493.
- <sup>11</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 833.

**CÂNON E HISTÓRIA SOCIAL: ENSAIOS SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO** – Frank Crüsemann, Edições Loyola, São Paulo, SP, tel.: (11) 2914-1922, [editorial@loyola.com.br](mailto:editorial@loyola.com.br), 493 páginas.



A tentativa de oferecer uma interpretação histórico-social à forma final dos textos bíblicos abre perspectivas novas, surpreendentes, particularmente para suas questões teológicas e hermenêuticas básicas. Este livro reúne os mais importantes trabalhos do autor sobre textos centrais do Antigo Testamento

e problemas fundamentais da hermenêutica veterotestamentária. À medida que, de um lado, conserva em vista o contexto canônico dos textos, de outro lado, ilumina seu fundo histórico-social.

**CONHECENDO AS RELIGIÕES DO MUNDO** – Kevin O'Donnell, Edições Rosari, São Paulo, SP, tel.: (11) 5571-7704, [www.rosari.com.br](http://www.rosari.com.br), 192 páginas.



O autor aborda as seis maiores religiões do mundo, revelando o que elas significam para seus seguidores, a maneira pela qual a fé afeta os relacionamentos de uma pessoa, a comemoração de eventos especiais e o modo como essas pessoas convivem no dia-a-dia. O livro oferece ao leitor a oportunidade de descobrir mais e mais essas religiões e explorá-las.

**VEJA NA INTERNET** – [pastor.adventistas.org.br](http://pastor.adventistas.org.br)



Foto: Prudkov / Fotolia

Ao falar para líderes de igrejas, costumo pedir que cada um desenhe, em uma folha de papel, uma parte específica de um rosto humano (olho, nariz, orelha). Cada um faz sua parte da melhor forma possível, mas o resultado sempre é horrível. Qual a razão do resultado final ser mal feito? Provavelmente, todos fizeram sua parte, mas deveriam ter se comunicado melhor e planejado juntos o trabalho.

Será possível aplicar essa experiência ao ministério pastoral? Ao unirmos a individualidade de cada pastor, que tipo de corpo de Cristo teremos como resultado? Minimizar esse problema é apenas um dos objetivos do *Portal do Pastor*. Entendemos que a internet é hoje a melhor ferramenta para facilitar a comunicação integrada dos diversos pastores em nosso território. Pastores mais experientes podem ajudar novos

pastores em assuntos rotineiros. Novos pastores, que nasceram na era da tecnologia, podem ajudar pastores que têm mais dificuldade com a informática. Assim, temos melhores chances de termos um corpo melhor estruturado.

No *Portal do Pastor* você encontrará artigos, vídeos de treinamentos, sermões em áudio, arquivos de palestras em PPT, PDF ou *Keynote*, fóruns de debates. Também terá acesso a pessoas cujo interesse pelo evangelho foi despertado pelo contato com a Rede Novo Tempo, treinamento para atendimento correto a esse grupo, e muito mais. Não deixe de acessar. – Marcos Correia

Se torne um  
**Chefe de Cozinha**  
 com os lançamentos Superbom

Eddy Paixão  
 28 Anos - Personal Hair

Tailize Linares  
 20 Anos - Estudante  
 Universitária

Renata Steidl  
 33 Anos - Fisioterapeuta  
 e mãe



Nova linha de  
**PRATOS PRONTOS**  
 Vegetarianos

APROVADO  
 Svb  
 VEGANO  
 ÚNICA LINHA DE PRATOS  
 PRONTOS VEGETARIANOS  
 CERTIFICADA PELA SOCIEDADE  
 VEGETARIANA BRASILEIRA.

Para atender aos mais de 16 milhões de brasileiros vegetarianos e a um cenário em que 28% dos brasileiros pretendem reduzir o consumo de carne animal, a Superbom lança a nova linha de pratos prontos vegetarianos sem glúten.

Com sabores surpreendentes, os novos pratos chegam em três opções e com uma verdadeira lista de diferenciais.

Os pratos prontos Superbom são feitos com matéria-prima de primeira linha, com o melhor da soja, acrescidos de especiarias exclusivas. Utiliza em sua formulação o óleo de canola, riquíssimo em Ômega-3, ácido alfa linolênico e ácido linoleico.

100%  
 Vegetal

Free  
 GLÚTEN

Soja NÃO  
 Transgênica

ZERO  
 Colesterol

RICO EM  
 Fibras

ZERO  
 Conservantes

# Dissipando a névoa

Ellen G. White

**N**ão podemos permitir que nosso espírito se irrite por algum mal real ou suposto que nos tenha sido feito. O inimigo que mais precisamos temer é o próprio eu. Nenhuma forma de vício tem efeito mais funesto sobre o caráter do que a paixão humana quando não está sob o domínio do Espírito Santo. Nenhuma vitória que possamos ganhar será tão preciosa como a vitória sobre nós mesmos.

Não permitamos que nossa sensibilidade seja facilmente ferida. Devemos viver, não para vigiar sobre a nossa sensibilidade ou reputação, mas para salvar pessoas. Quando estamos interessados na salvação das pessoas, deixamos de pensar nas pequenas diferenças que possam levantar-se entre uns e outros na associação mútua. De qualquer modo que os outros pensem de nós ou conosco procedam, nunca será necessário que perturbemos nossa comunhão com Cristo, nossa companhia com o Espírito. “Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus” (1Pe 2:20).

Não se vinguem. Quanto for possível, removam toda a causa de mal-entendido. Evitem a aparência do mal. Façam o que estiver em seu poder, sem comprometer os princípios, para conciliar o próximo. “Portanto, se você

estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta” (Mt 5:23, 24).

Se lhes forem dirigidas palavras impacientes, nunca respondam no mesmo tom. Lembrem-se de que “a resposta branda desvia o furor” (Pv 15:1). Há um poder maravilhoso no silêncio. As palavras ditas em réplica a alguém encolerizado por vezes servem apenas para exasperá-lo. Mas se a ira encontra o silêncio, e um espírito amável e paciente, em breve se esvai.

Sob uma tempestade de palavras ferinas e acusadoras, conservem apoiado o espírito na Palavra de Deus. Que o espírito e o coração sejam repletos das promessas divinas. Se forem maltratados ou acusados injustamente, em vez de responder com cólera, repitam a si mesmos as preciosas promessas: “Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem” (Rm 12:21).

“Entregue o seu caminho ao Senhor; confie nEle, e Ele agirá: Ele deixará claro como a alvorada que você é justo, e como o sol do meio-dia que você é inocente” (Sl 37:5, 6).

Foto: EugeneSergeev / Fotolia



“Não há nada escondido que não venha a ser descoberto, ou oculto que não venha a ser conhecido” (Lc 12:2).

“Deixaste que os inimigos cavalgassem sobre a nossa cabeça; passamos pelo fogo e pela água, mas a um lugar de fartura nos trouxeste” (Sl 66:12).

Somos inclinados a procurar junto de nossos semelhantes simpatia e ânimo, em vez de procurá-los em Jesus. Em Sua misericórdia e fidelidade, Deus permite muitas vezes que falhem aqueles em quem depositamos confiança, a fim de que possamos compreender quanto é insensato confiar nos homens e apoiar-nos na carne. Confiemos inteira, humilde e desinteressadamente em Deus. Ele conhece as tristezas que nos consomem no mais profundo do ser e que não podemos exprimir. Quando tudo nos parece escuro e inexplicável, lembremo-nos das palavras de Cristo: “Você não compreende agora o que estou lhe fazendo; mais tarde, porém, entenderá” (Jo 13:7).

Enquanto estivermos no mundo, encontraremos influências adversas. Haverá provocações para ser provada a nossa têmpera; e é enfrentando-as com espírito reto que as virtudes cristãs são desenvolvidas. Se Cristo habitar em nós, seremos pacientes, bondosos e indulgentes, alegres no meio das contrariedades e irritações. Dia após

dia, e ano após ano, venceremos a nós próprios e cresceremos num nobre heroísmo. Tal é a tarefa que sobre nós impende; mas não pode ser cumprida sem o auxílio de Jesus, firme decisão, um alvo bem determinado, contínua vigilância e oração incessante. Cada um tem suas lutas pessoais a travar. Nem o próprio Deus pode tornar nosso caráter nobre e nossa vida útil, se não colaborarmos com Ele. Quem renuncia à luta perde a força e a alegria da vitória.

Não precisamos guardar nosso próprio registro das provas e dificuldades, dos desgostos e tristezas. Todas essas coisas estão escritas nos livros, e o Céu tomará o cuidado delas. Enquanto relembramos as coisas desagradáveis, passam da memória muitas que são gratas à reflexão, como a misericordiosa bondade de Deus que nos rodeia a cada instante e o amor, de que os anjos se maravilham, com que deu Seu Filho para morrer por nós. Se como obreiros de Cristo vocês sentirem que têm maiores cuidados e provas que os outros, lembrem-se de que há para vocês uma paz desconhecida dos que evitam estes fardos. Há conforto e alegria no serviço de Cristo. Mostremos ao mundo que não há insucesso na vida com Deus (*A Ciência do Bom Viver*, p. 485-488). ▀



UMA HISTÓRIA CONTADA  
**CPB** de NATAL  
 ONLINE  
 29 e 30 de novembro  
 ATRAVÉS DA LITERATURA

*Está chegando o grande dia! Dia de presentear,  
 dia de descontos incríveis e preços especiais.  
 Não perca! Aproveite e boa leitura!*



• PROGRAMAÇÃO ESPECIAL AO VIVO PELA TV NOVO TEMPO •



**0800-9790606**

Sábado, das 20h30 às 24h | Domingo, das 8h às 24h (horário de Brasília)

[www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)  
 CPB livraria



/casapublicadora



Herbert Boger

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

# Até que o Senhor venha

**B**obby Clinton, professor no Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia, escreveu o livro *The Making of a Leader* [A Formação de um Líder], leitura obrigatória a todos os que exercem liderança. Clinton chegou à conclusão de que apenas 30% dos líderes terminam bem a carreira que começaram. Quanto a nós, devemos ter em mente que o limite da perseverança no cumprimento da nossa vocação é até a vinda do Senhor, conforme o ensinamento transmitido por Jesus na parábola das dez minas: “Então, chamou dez dos seus servos e lhes deu dez minas. Disse ele: ‘Façam esse dinheiro render até a minha volta’” (Lc 19:13).

Mas, de acordo com Dwight Moody, a razão pela qual muitas pessoas desistem, “é que elas querem se dedicar a muitas coisas”. Por isso, ele trabalhava tendo com base o seguinte lema: “Consagre-se e, depois, concentre-se”. Seu filho, William Moody afirmou que “nada o desviava de seu propósito de proclamação do evangelho, de múltiplas formas”. O genro Arthur também registrou: “Acredito firmemente que ele tinha

um objetivo supremo na vida: agradar a Deus em todos os seus projetos, principalmente levando pessoas à salvação pela fé no Senhor Jesus. Ele jamais abandonou o primeiro amor”.

No fim da vida, Moody falou aos amigos de ministério: “A hora deste mundo é passageira, transitória e desaparece rapidamente. Eu não acredito que homens e mulheres dedicados à causa de Deus estejam em busca de cargos honoríficos, glória e fama terrestres. Vamos deixar essas coisas em segundo plano, ficar acima delas e buscar a honra que vem do alto. Consagre-se e, depois, concentre-se, então você será usado por Deus!”

Na mencionada parábola, o “nobre senhor” deu autonomia para que os servos administrassem seus negócios. “Ele não estaria por perto para lhes dar ordens especí-

ficas a cada dia de trabalho – estava confiando que eles descobririam por conta própria” (Eugene H. Peterson, *A Linguagem de Deus*, p. 168). Finalmente, chegou o grande dia da prestação de contas:

“Então mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber quanto tinham lucrado. O primeiro veio e disse: ‘Senhor, a tua mina rendeu outras dez’. ‘Muito bem, meu bom servo!’, respondeu o seu senhor. ‘Por ter sido confiável no pouco, governe sobre dez cidades’. O segundo veio e disse: ‘Senhor, a tua mina rendeu cinco vezes mais’. O seu senhor respondeu: ‘Também você, encarregue-se de cinco cidades’. Então veio outro servo e disse: ‘Senhor, aqui está a tua mina; eu a conservei guardada num pedaço de pano. Tive medo, porque és um homem severo. Tiras o que não puseste

e colhes o que não semeaste’. O seu senhor respondeu: ‘Eu o julgarei pelas suas próprias palavras, servo mau! Você sabia que sou homem severo, que tiro o que não pus e colho o que não semei. Então, por que não confiou o meu dinheiro ao banco?

Assim, quando eu voltasse o receberia com os juros’. E disse aos que estavam ali: ‘Tomem dele a sua mina e deem-na ao que tem dez’. ‘Senhor’, disseram, ‘ele já tem dez!’ Ele respondeu: ‘Eu lhes digo que a quem tem, mais será dado, mas a quem não tem, até o que tiver lhe será tirado. E aqueles inimigos meus, que não queriam que eu reinasse sobre eles, tragam-nos aqui e matem-nos na minha frente!’” (Lc 19:15-27). O infiel sempre perde tudo.

“Deus mesmo originou planos para o avançamento de Sua obra, e Ele proveu a Seu povo um excesso de meios a fim de que, quando Ele solicitar auxílio, possam atender, dizendo: ‘Senhor, a Tua mina rendeu dez minas’” (Lc 19:16; Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 58).

“Feliz o servo a quem o seu Senhor encontrar fazendo assim quando voltar” (Lc 12:42). ▀

*“Consagre-se e, depois, concentre-se, então você será usado por Deus”*

# Vem aí uma NOVA REVISTA

TEÓLOGO AFIRMA QUE O SÁBADO É SÍMBOLO DE GRAÇA E NÃO DE OBRA /// QUEM É O ESPÍRITO SANTO /// O QUE ACONTECE QUANDO OS CRISTÃOS ORAM

# REVISTA ADVENTISTA

JANEIRO 2015



Novo projeto gráfico

mais reportagens

novas seções

mais páginas

mais interatividade

site atualizado

revista digital

**PROMOÇÃO ESPECIAL**

DE R\$ 42,10  
POR R\$  
**24,00**

A revista oficial da igreja de cara nova\* e com preço imperdível em até 12x

\*Nova revista a partir de janeiro de 2015

Assine hoje mesmo | 0800-9790606 | www.cpb.com.br | CPB Livraria